

# O ESCRAVO FIEL

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

PELO

*Dr. Carlos Antonio Cordeiro.*

Representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro d'Alcantara em 24  
de Dezembro de 1859



---

1865

1863

---

Typographia de Pinheiro & Comp., rua Sete de Setembro n. 163

## PERSONAGENS

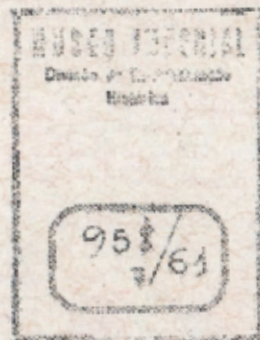
### ACTORES.

Lourenço preto...., idade 40 annos. . . . .	Florindo.
Salgado, negociante, idade 50 annos . . . . .	Azevedo.
Firmino, seu filho, idade 22 annos. . . . .	Amoedo.
Diogo, empregado publico, idade 24 annos. . . . .	Lisboa.
Padre Pedro, idade 55 annos. . . . .	Gusmão.
Lemos, idade 60 annos. . . . .	Mentani.
Manoel, feitor, idade 30 annos. . . . .	Barbosa.
Theodoro, idade 45 annos. . . . .	N.
Um magistrado . . . . .	Vietorino.
Um pedestre que falla. . . . .	Soares Junior.
Eulalia, idade 16 annos. . . . .	D. Adelaide.
Theresa, idade 17 annos . . . . .	D. Eliza.
Julia, idade 32 annos. . . . .	Ricciolini.
Dionysia, idade 40 annos. . . . .	Ricardini.

Dous pedestres, um escrivão, dous meirinhos, e dous trabalhadores.

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro na actualidade.

Não se poderá representar esta comedia em nenhum theatro do Brazil sem expressa permissão do seu autor.



## DEDICATORIA

Illm. Sr. Antonio Joaquim Xavier de Mello.

Devo-lhe tantas attentões, que seria um ingrato não lhe dando uma publica prova de meu reconhecimento.

Imprimindo mais tres dos escritos dramaticos de minha composição, eu lh'os dedico, e espero que, aceitando-os como signal de minha eterna gratidão, fique na crença de que sou

Seu muito dedicado amigo

CARLOS ANTONIO CORDEIRO.

## ACTO PRIMEIRO.

Uma sala com moveis um tanto antigos, mas salidos. Uma mesa no centro, onde existem diversas garrafas de remédios. A direita do espectador, na altura do primeiro e segundo bastidor, uma porta figurando um quarto; mais no fundo outra porta. Entre estas duas portas uma secretária antiga com um oratório de jarrandá fechado. No fundo portas de entrada. Ao lado esquerdo janelas para a rua. Sobre a mesa do centro arde uma vela.

### SCENA I.

DIONYSIA (*vindo do quarto da direita*).

Já é dia claro! posso portanto apagar a vela... (*apaga*) e abrir estas janelas (*abre-as, e bem assim as portas do fundo*). Que noite passei! ou para melhor dizer, que noites tenho passado!...Ha seguramente duas semanas, que quasi não durmo....e se o tal Sr. Lemos não despackta com isto.... certamente cabirei doente.

### SCENA II.

*Dionysia e Salgado.*

SALGADO (*vindo do fundo*).

Oh! já de pé, Sra. Dionysia?... hoje madrugou!

DIONYSIA.

Não madruguei, porque não dormi.

SALGADO.

O homem então passou pior?

DIONYSIA.

Por duas ou tres vezes julguei-o morto. Os ataques d'esta noite torão como nunca.

SALGADO.

E porque não me mandou chamar?

DIONYSIA.

Para que? Seria incommoda -le sem resultado. O medico já declarou, que a doença era mortal... que mais dia menos dia elle fazia viagem infallivelmente... portanto o remedio é ir aguentando, até quando Deos quizer.

SALGADO (*com mysterio*).

E a respeito daquillo?... nada?

DIONYSIA.

Nem palavra.

SALGADO (*á parte*).

Pior é essa!... continuar nesta incerteza é terrível! (*alto*). Porque a senhora não lhe dá algum toque sobre esse assumpto?

DIONYSIA.

Eu?... Deos me livre!... quero lá que o homem se persuada, de que ando ao cheiro de sua herança? Quem lhe poderia dizer alguma coisa, era o Sr. padre Pedro, que, além de tudo, é seu irmão.

SALGADO.

O padre Pedro?... eu sei? Apesar de ser meu cunhado, não posso ter nelle confiança... mas... na verdade não vejo outro, e na conjunctura, em que nos achamos, é preciso tomar um expediente, seja elle qual fór.

DIONYSIA.

Isso é claro, porque o Sr. Lomas não póde durar muito... talvez mesmo que nem chegue até amanhã.

SALGADO (*que tem estado pensativo*).

O padre Pedro ainda não veio?

DIONYSIA.

Até agora não o vi, porém julgo que não tardará. São

seis horas, e elle costuma vir logo depois, que diz missa na Lampadosa.

SALGADO (*com resignação forçada*).

Já que não ha outro recurso,erei sempre se elle fará alguma cousa. Apenas chegue, avise-me. No entanto vou fazer uma visita ao doente.

DIONYSIA.

Pois vá, que o deixei acordado. (*Salgado entra no quarto.*)

SCENA III.

DIONYSIA (*só*).

Toda está sucia anda farejando o velho com o cheiro de que lhe deixe a bôta; mas, se meu olho me não mento, creio que não lhe metterá o dente. Deos queira que eu tambem não fique com agua na boca. Ha quatro annos que o sirvo por um medico alaguel, e, se em seu testamento não se lembrar de mim, estou bem accumulada.

SCENA IV.

*Dionysia e padre Pedro.*

PADRE PEDRO (*do fundo*).

Deos esteja nesta casa.

DIONYSIA.

Ah! é o Sr. padre Pedro? muito bons dias, Sr. padre.

PADRE PEDRO.

Deos a guarde, minha filha, como passou o doente?

DIONYSIA.

Muito mal... julguei que não amanheda.

PADRE PEDRO.

Deos se compadeça de sua alma e lhe dê uma boa hora..  
Poderei vê-lo ?

DIONYSIA.

Julgo que sim... seu cunhado lá está.

PADRE PEDRO.

Então vou fazer-lhe uma visita (*quer dirigir-se*).

DIONYSIA.

Espere, Sr. padre... seu cunhado quer fallar-lhe, e disse-me que logo que o senhor viesse o avisasse.

PADRE PEDRO.

Nesse caso chame-o, que não posso demorar-me muito.

DIONYSIA.

Tambem elle não tardará. (*Dirige-se para o quarto.*)

### SCENA V.

PADRE PEDRO (*só*)

O que meu cunhado quer, bem o sei; mas é trabalhar em vão, que nada conseguirá. Quanto a mim, pelo que tenho observado, o que havia para fazer-se, está feito... e agora já não se lhe póde dar volta.

### SCENA VI.

O mesmo e Salgado.

SALGADO.

Oh ! meu padre, muito estimei que viesse... que temos muito que conversar.

PADRE PEDRO.

Aqui estou ás suas ordens.

SALGADO

Assentemo-nos para este lado e fallemos baixinho. (*Dirige-o para o lado opposto do sceno e assenta-se*). Já sabe que o nosso pobre irmão está dando a alma ao Creator ?

PADRE PEDRO.

Hontem, quando o deixei, ainda o negocio não estava para tão breve.

SALGADO.

Durante a noite o mal aggravaou-se horriavelmente, teve ataques repetidos... e não lhe auguro muitas horas de vida.

PADRE PEDRO.

Felizmente já está preparado com todos os sacramentos.

SALGADO.

Mas o testamento ?

PADRE PEDRO.

Se o tiver feito, naturalmente ha de apparecer.

SALGADO.

E não sabe, padre, que neste testamento, se existir, nem o senhor, seu irmão, nem minha mulher, sua irmã, nem meus filhos, seus sobrinhos, serão contemplados ? Que elle reconhecerá essa meiga Eulalia, que desde 6 annos tem em sua companhia ?

PADRE PEDRO.

Uma vez que é sua filha, não vejo razão para que proceda diversamente.

SALGADO (*com humor*).

Padre, o tempo urge... e é preciso jogarmos as cartas sobre a mesa. Ponha de parte o fingimento, que ninguem nos observa, fallemos com franqueza.

PADRE PEDRO.

Não sei então o que quer que lhe diga !

SALGADO.

Essa menina não é filha d'elle... quasi que o posso jurar... e reconhecê-la será uma verdadeira usurpação, que fará aos nossos direitos. Cumpre, portanto, a todo o custo, indagar se ha testamento.

PADRE PEDRO.

E para que?... que conseguiremos com isso ?

SALGADO.

Não se faça de innocente. *(Levanta-se.)*

PADRE PEDRO *(levantando-se tambem)*.

Assoguro-lhe que não posso alinar....

SALGADO.

Padre, a occasião é mal escolhida para representarmos comedias.... O senhor sabe perfeitamente qua, se houver testamento, o unico recurso é abafa-lo.

PADRE PEDRO.

Misericordia !...e se o viessem a descobrir ?

SALGADO.

Quem, e como o poderia fazer ? Desde que meu cunhado teve este ultimo ataque, que o tornou completamente paralytico, temos tido o cuidado de pôr esta casa em uma verdadeira silio. Não consentimos que pessoa alguma o visite, e o proprio medico nem um instante está a sós com elle. Quem poderá, pois, saber, ou mesmo desconfiar, do que fizermos ? Demais, este arranjo será entre nós dous, o creio que somos em demasia interessados para não divulgarmos o segredo.

PADRE PEDRO.

O diabo ás vezes, por mais que se queira esconder, sempre deixa a cauda de fóra.

SALGADO.

Nada de hesitações pueris... Vá ver seu irmão, e fallo-lhe com auctoridade de um sacerdote, a ver se descobre alguma cousa....

PADRE PEDRO *(depois de reflectir)*.

Olhe.... lá por eu não ir, não seja a duvida.... mas parece-me que perderei o meu tempo. *(Dirige-se para o quarto)*.

SALGADO.

Não importa.... vá sempre.

PADRE PEDRO *(voltando)*.

Oh ! occorre-me uma idéa.

SALGADO.

Qual é ?

PADRE PEDRO.

O senhor sabe que ha muitos annos não me dou com meu irmão, e que só a sua molestia faria com que eu voltasse á sua casa. Já vê, portanto, que nem lhe posso inspirar confiança, nem elle se quererá abrir com nigo. Não seria mais prudente vêr então se pillavamos alguma cousa de Loureço ? Esse crioulo constantemente de o tem acompanhado, e está muito em dia com todos os seus negocios. Seu ũel, seu cobrador, seu braço direito, parece que ninguém, melhor do que elle, nos poderia tirar das duvidas.

SALGADO.

E quor que admittamos um terceiro no segredo ? e sobre tudo um negro !... um escravo ?

PADRE PEDRO.

Não vejo inconveniente. Por mais sagaz que elle seja, não desconfiará de cousa alguma, uma vez que o senhor saiba interrogá-lo.

SALGADO.

Esso patife não gosta de nós.

PADRE PEDRO.

Que importa?... na maneira por que se fizerem as perguntas, é onde está tudo. Talvez o senhor consiga delle mais do que espero conseguir de meu irmão, se lhe fallar.

SALGADO (*depois de alguma hesitação*).

Bem... farei como me diz.

PADRE PEDRO.

O crioulo é natural que appareça por aqui, pois não deixa o quarto do senhor.... com grito e destreza se conseguem grandes cousas. Vou ao quarto do doente... até já. (*Vai para o quarto.*)

### SCENA VII.

SALGADO (*só, depois de pensar*).

Está visto!.... não apparecendo testamento, todos os seus bens passarão para seus irmãos. Era o que faltava!.... Vir essa intrusa, que póde ser tanto sua filha, como de outro qualquer, metter-se de posse desta grande fortuna, e ficarmos nós a olhar o signal? Para fazer-lhe favor, leva-la-hei para minha companhia, e, se apparecer algum homem trabalhador, que a queira, dar-lhe-hei um doteziinho para casar-se. Tomarão muitas ter igual felicidade!

### SCENA VIII.

*O mesmo e Lourenço (vindo de fóra com uma garrafa de remedio, que põe sobre a mesa)*

SALGADO (*vendo-o*).

Oh! E's tu, Lourenço!

LOURENÇO.

Meu senhor?

SALGADO.

Ealão como vai o homem?

LOURENÇO.

Muito mal.... já não têm esperanças. Agora ainda fái á bôlica buscar este remedio, que o doutor receitou, mas é escusado.

SALGADO.

Coitado! é uma grande perda! morrer um homem tão bom, tão caritativo!

LOURENÇO.

Ah! não me falle nisso! Quando me lembro que tão depressa vou ficar se n meu senhor! sem meu pai! desejo mesmo que Deos me mate. (*Chora.*)

SALGADO.

Essas lagrimas te fazem honra; mas não te afflijas, que não has de ficar desamparado; se elle succumbir, restaráõ outros homeas no mundo, que farão as suas vezes.

LOURENÇO (*desanimado*).

E de que serve que fiquem outros? Poderão tratar-me como este me tratava? Qual! meu senhor foi sempre tão bom... que nunca me tratou como escravo, e sim como seu filho... Tinha em mim toda a confiança.... eu cuidava todos os seus negocios e nunca a sua boca achou uma só de palavra para reprehender-me.

SALGADO.

Tambem é porque nunca mereceste.... Sempre te comportaste bem, sempre deste boas contas de ti, e então porque te havia elle de reprehender?



LOURENÇO.

Mesmo agora em sua molestia, gemendo com dôres, agradecia, a mim, seu escravo, que só fazia minha obrigação, os cuidados que tinha delle (*chorando*, Oh! perdendo esse homem, perco tudo!

SALGADO.

Mas é de crer que por sua morte, e em seu testamento te deixe forro e com algum legado para te estabeleceres.

LOURENÇO.

E que me importa isso, se elle morre?

SALGADO.

Não é tanto assim... Convenho que muito sintas a morte de teu benfeitor; mas isso não deve obstar a que cuides de teu futuro: se meu cunhado não reconhecer no fim da vida teus bons serviços, será uma injustiça clamorosa.

LOURENÇO.

Se acontecer assim, coitado! a culpa será de minha sorte.

SALGADO.

Pois jurgas que elle não fez testamento?

LOURENÇO.

Com certeza não sei dizer, mas parece que não.

SALGADO.

E que razões tens para duvida-lo?

LOURENÇO.

Já vai em dous annos, quando meu senhor pela ultima vez esteve na fazenda das Tres Pedras, e que teve o primeiro ataque de estupor, me disse elle: « Olha, Lourenço, vê o mal que fizeste em não aprenderes a lêr, quando te mandei ensinar. Desejava fazer alguns apontamentos, e, se morrer aqui de repente, não tenho quem os faça.

SALGADO.

Mas isso foi ha dous annos... Depois elle melhorou... veio para a cidade... e é de crer que de então para cá...

LOURENÇO.

Não, senhor... se assim fosse, me tinha dito, porque era tão bom para commigo, que tudo me contava: eu sabia de todos os seus segredos.

SALGADO.

Vislo isso... parece-te... que não ha testamento?

LOURENÇO.

Parece.

SALGADO. (*alegre*).

Se não o houver, nem assim serás mais infeliz. Por morto de meu cunhado todos os seus bens, passarão para o nosso poder; como seus unicos parentes, e teremos para commigo então todas as attenções.

LOURENÇO, (*admirado*).

Todos os seus bens passarão para o seu poder? Então não é a Sra. D. Eulalia, sua filha, quem fica herdeira?

SALGADO.

Qual sua filha?... deixa-te de historias! demais, ainda que o fosse, só herdava sendo reconhecida por escriptura, ou testamento, e como dizes, nada disso existe.

LOURENÇO (*meditando*).

Ah! então a Sra. D. Eulalia não herda?

SALGADO.

De certo que não.

LOURENÇO.

E ficará pobre!... abandonada?

SALGADO.

Tambem não. Em respeito á memoria de meu cunhado leva-la-hei por caridade para a minha companhia; mas herdar ella?... nunca. Donde veio e como se arvorou em filha do velho? Consta-te algum dia, que teu senhor fosse casado?

LOURENÇO (*sempre meditando*).

Não, senhor.

SALGADO.

Pois eis—ahi está. Soubeste mesmo que elle tivesse tido relações intimas com alguma mulher?

LOURENÇO.

Quando viajava para S. Paulo vi, que ia muito á casa de uma senhora.

SALGADO.

Senhora?... dize de uma mulher.... E seria isso bastante para que Eulalia fosse sua filha?

LOURENÇO.

Meu senhor escrevia-lhe mesmo daqui por todos os correios e mandava-lhe sempre dinheiro e o quanto a senhora viveu. Depois de sua morte foi que catão mandou vir a Sra. D. Eulalia.

SALGADO.

Digo-te, que nada disso prova, que seja sua filha, e portanto seus bens devem de direito passar para nós, que somos seus irmãos. Lourenço, como és um bom rapaz, não te amofinas, que não serás mais infeliz connosco, do que foste com teu senhor. Tem confiança em minhas promessas, que não te has de arreponder.

LOURENÇO.

Bem, meu senhor.

SALGADO.

Eu vou para o quarto de meu cunhado. Recommendo-te porém que nada digas ácerca desta nossa conversa....

LOURENÇO.

Sim, senhor.

SALGADO.

Adaos!...

SCENA IX.

LOURENÇO (*só*)

Ainda estou pateta, com o que elle me disse! Desherdar a filha de meu senhor, desse homem tão bom que, sendo eu seu escravo, me carregou muitas vezes e sempre me tratou como filho? Desherdar uma menina tão boa que, sem olhar para a minha cor, era o mesmo que se fosse minha filha? nunca! nunca! sou preto, é verdade!... sou escravo; mas debaixo desta pelle negra meu coração é de homem! O ser agradecido não foi só inventado para os brancos; um pobre preto póde tambem pagar a seus bemfeitores. Felizmente que meu senhor ainda não morreu. Vou contar-lhe tudo, vou dizer-lhe as suas intenções, para em quanto á tempo dar-se algum remedio. (*Vai para dentro á direita*).

SCENA X.

*Padre Pedro, e Salgado.*

PADRE PEDRO.

Então?... fallou com Lourenço?

SALGADO.

Fallei, e pelo que me disse não ha testamento.

PADRE PEDRO.

Mas fê-lo de modo, que elle de nada pudesse desconfiar?

SALGADO.

Não julguei necessario pôr-me com rebuços. Logo que

tive certeza de que seu irmão morria ab-intestato, o que fiz, foi prometter-lhe mundos e fundos para chama-lo ao nosso partido.

PADRE PEDRO.

Pois fez muito mal e talvez que tenha de arrepender-se. Loureço é muito dedicado a meu irmão, e o será também á sua filha; desconfiando de qualquer cousa, é muito capaz de ir declarar-lhe todo.

SALGADO (*com riso de incredulidade*).

E o que alcançaria com isso?

PADRE PEDRO.

Fazer meu irmão testamento.

SALGADO.

Não viu o estado, em que elle se acha? Pensa, que ainda seria tempo?

PADRE PEDRO.

Porque não? Um tabellião com muita rapidez poderia ser chamado.

SALGADO.

E não estou eu attento para impedi-lo? Sr. padre, não me julgue também assim tão simples, que não saiba fazer as cousas.

PADRE PEDRO.

Bem.... bom.... já não está aqui quem fallou; estimarei, que seja feliz.... Não posso deixar de saber por um momento.... Daqui a pouco voltarei.... Se na minha ausencia houver alguma novidade.... o senhor dê as providencias.

SALGADO.

Póde ir descansado.... que não me descuidarei. (*O padre vai-se pelo fundo.*) Excellentemente!.... E, uma vez, que já sei o que desejava, vou fechar o meu correio. (*Vai-se pela direita.*)

SCENA XI.

LOUREÇO (*só, vindo do fundo*).

Agora, que todos deus sahirão.... vou ter com meu senhor. Morcegos do diabo! com o favor de Deos, ainda desta vez não hão de chupar o sangue da pobre menina! (*Vai-se dirigindo para o quarto, de onde sahe Eulalia.*)

SCENA XII.

Loureço e Eulalia.

EULALIA (*triste e com voz magoada*).

Loureço, meu pai te chama para o ajudares a vir para esta sala.... (*Assenta-se a um lado da mesa.*)

LOUREÇO.

Já vou, minha senhora. (*A' parte.*) Coitadinha! como está triste! Que faria se soubesse do que lhe estão armando? (*Entra no quarto.*)

SCENA XIII.

EULALIA (*só, que se conserva assentada por alguns momentos*).

Quanto mais penso na sorte, que me espera, maiores desgraças antevejo no futuro! (*Levanta-se e vem para a scena*). Meu pai está irremissivelmente condemnado, e, com o seu desaparecimento, vai-se o meu unico amparo e protecção no mundo! Meu Deos! porque não aceitais a minha vida em troca da sua? A morte seria para mim neste momento a suprema felicidade! Perdendo meu pai, o que fico fazendo sobre a terra? Orphã, sem ter quem por mim realmente se interesse, ninguém sentiria a minha perda, nem um só vivente derramaria lagrimas de pesar sobre a minha sepultura, ao passo que, vivendo, qual será a minha existencia?! Oh! quantas vezes me hei recordado das ultimas palavras, que me dirigio minha infeliz mãe pouco antes de expirar! — Minha filha, me disse ella abraçando-me, eu morro, e queira o céu que já mais siatas quanto perdes pordeado tua mãe. — O céu não ouviu as suas

preços, porque de subejo já o tenho sentido, e agora, que vou perder também meu pai, ainda maior será minha desgraça. (*Senta-se na mesma cadeira, esconde o semblante nas mãos e chora.*)

SCENA XIV.

*À mesma, Julia e Theresa.*

JULIA (*a Eulália, com muito bom modo*).

Logo vi, que se estava amofinando! (*A Theresa*) Que te disse eu?

THERESA.

E' verdade!

JULIA (*a Eulália*).

Isto assim, minha filha, não tem senso commum. Que sinta o estado de seu pai. é muito justo, é proprio de seu bom coração; mas que se queira também matar, é uma verdadeira loucura. Desde que elle cahio doente, a menina não dorme, não come, não descansa, onde irá isto parar? E' preciso também cuidar de si, e não offender a Deos, maltratando deste modo o seu corpo.

EULALIA (*levanta-se*).

Ah! senhora!... é que ninguem calcula o que perco com a perda de meu pai.

JULIA.

Sei, que perde muito, que perde mais do que ninguem; mas não lhe fico eu ainda no mundo para servir-lhe de carinhosa mãe?

THERESA (*abraçando-a*).

E eu, minha prima, também não fico para ser a sua inseparavel companheira?

EULALIA.

Conheço de que bondade são dotadas as suas almas, mas

haverá alguém, que possa preencher a falta de um pai e de uma mãe?....

JULIA.

Preencher, não; mas suavisar, sim; e eu prometto, pela minha parte, empregar todos os meios, que possam dar linitivo á sua grande dôr.

THERESA.

Eu, prima, procederei sempre como uma terna irmã.

EULALIA.

Muito lhes agradeço; porém minha dôr é tão grande, que nada a poderá minorar.

SCENA XV.

*Os mesmos e Firmino (entrando).*

FIRMINO.

Minha mãe Vm. mandou-me chamar ao seu quarto para fallar-me com muita pressa, e no emtanto....

JULIA.

Tinha vindo ver tua prima, que está n'um estado lastimoso.

FIRMINO.

Ah! minha prima?... essa decididamente não faz senão chorar; e dessa maneira ha de por força adoecer.

JULIA.

Firmino, não vês que no estado, em que se acha seu pai é tão natural o sentimento?

FIRMINO.

Vejo; mas o que remedeia com isto? dá-lhe melhoras?... dá-lhe vida?... não; logo, dos males o menor: se hão de haver duas mortes, haja só uma. Prima, toma o meu conselho, conforme-se com a vontade de Deos, que sempre o que elle faz é o melhor.

EULALIA.

Quanto isto é fácil de dizer-se !

JULIA.

E tambem de fazer-se : ao menos devemos empregar os esforços de nossa parte. Ora diga, porque não toma uma chicrinha de caldo ? ha mais de tres dias, que quasi se tem sustentado com agua.

EULALIA.

Agradeço-lhe : não posso.

THERESA.

Eu mesmo lh'o vou preparar : nem assim ?

EULALIA.

Muito obrigada ; estou á espera de meu pai, que vem para esta sala. O coitado conta já tão poucas horas de vida, que não quero perder nem uma só.

FIRMINO.

Isto é toima, o o que lhe havemos de fazer ? *(a Julia e Theresa)*

JULIA *(em tom de censura)*.

Firmino !

FIRMINO.

Está bom, como se zanga, vou-me embora. O que queria commigo ?

JULIA *(zangada)*.

Já não quero cousa algama.

FIRMINO.

Então viverie ! passem muito bem ; até logo. *(Vaí-se.)*

JULIA.

Depois que estiver com o papai promette vir ter commigo ?

EULALIA.

Pois sim, senhora, irei.

JULIA.

Ainda bem, vou mandar sempre preparar-lhe um caldinho. Até já. *(Dá-lhe um beijo.)*

THERESA *(dando-lhe outro beijo)*.

Eu tambem me retiro ; não se demore, priminha, ouviu ? *(Vaí-se.)*

### SCENA XVI.

EULALIA *(só, depois de considera-los por algum tempo)*.

Excellentes creaturas ! quanto siato sómente havê-las conhecido por occasião da molestia de meu pai ! Mas elle ahí vem..... oh!.... meu Deus ! como está desfigurado ! é um cadaver !.... *(Limpa os olhos.)* Não quero que me veja chorar !

### SCENA XVII.

A mesma e Lemos *(em uma poltrona empurrado por Lourenço)*.

LE MOS *(logo que a cadeira chega á frente da scena do lado esquerdo, com voz entrecortada e corpo inerte)*.

Está bom.... deixa-me aqui. *(Lourenço cessa de empurrar a cadeira.)* Ah ! *(tomando uma larga inspiração)* Parece que, com effeito, nesta sala o ar penetra mais livremente em meus pulmões. No quarto como que tinha as paredes sobre o peito..... como é triste o soffrer !.... Misera condição da humanidade !

EULALIA.

Então, meu pai, sente algum alívio ?

LE MOS.

Sim, minha filha, o ar gira aqui com mais liberdade, e por isso respiro melhor.

EULALIA.

Quanto isto é fácil de dizer-se !

JULIA.

E também de fazer-se : ao menos devemos empregar os esforços de nossa parte. Ora diga, porque não toma uma chierinha de caldo ? ha mais de tres dias, que quasi se tem sustentado com agua.

EULALIA.

Agradeço-lhe : não posso.

THERESA.

Eu mesmo lh'o vou preparar : nem assim ?

EULALIA.

Muito obrigada ; estou á espera de meu pai, que vem para esta sala. O coitado costa já tão poucas horas de vida, que não quero perder nem uma só.

FIRMINO.

Isto é teima, e o que lhe havemos de fazer ? *(a Julia e Theresa)*

JULIA *(em tom de censura)*.

Firmino !

FIRMINO.

Está bom, como se zanga, vou-me embora. O que queria commigo ?

JULIA *(zangada)*.

Já não quero coisa alguma.

FIRMINO.

Então viverio ! passem muito bem ; até logo. *(Vai-se.)*

JULIA.

Depois que estiver com o papai prometto vir ter commigo ?

EULALIA.

Pois sim, senhora, irei.

JULIA.

Ainda bem, vou mandar sempre preparar-lhe um caldinho. Até já. *(Dá-lhe um beijo.)*

THERESA *(dando-lhe outro beijo)*.

Eu também me retiro ; não se demore, priminha, curvio ? *(Vão-se.)*

SCENA XVI.

EULALIA *(só, depois de considera-los por algum tempo)*.

Excellentes creaturas ! quanto sinto sómente havê-las conhecido por occasião da molestia de meu pai ! Mas elle ahí vem..... oh!.... meu Deus ! como está desfigurado ! é um cadaver !.... *(Limpa os olhos.)* Não quero que me veja chorar !

SCENA XVII.

*A mesma e Lemos ( em uma poltrona empurrado por Lourenço).*

LE MOS *(logo que a cadeira chega á frente da scena do lado esquerdo, com voz entrecortada e corpo inerte.)*

Está bom.... deixa-me aqui. *(Lourenço cessa de empurrar a cadeira.)* Ah ! *(tomando uma larga inspiração)* Pareco que, com effeito, nesta sala o ar penetra mais livremente em meus pulmões. No quarto como que tinha as paredes sobre o peito..... como é triste o soffrer !.... Misera condição da humanidade !

EULALIA.

Então, meu pai, sente algum alivio ?

LE MOS.

Sim, minha filha, o ar gira aqui com mais liberdade, e por isso respiro melhor.

EULALIA (*contrafazendo-se para não chorar*).

Já vê então, que não deve desanimar; Deos ainda tem muito para fazer, e não ha de querer tão cedo privar-me de sua companhia.

LEMOS (*com sorriso de incredulidade*).

(*A' parte*) Coitada! pensa illudir-me! (*Alto*) Sim.... não desanimo, e, enquanto se respira, não devemos perder as esperanças; mas, como ninguém sabe quando chegará a sua hora.... é bom estarmos preparados. Graças a Deos.... acho-me prompto, e posso, quando lhe aprouver, comparecer em seu tribunal divino.

EULALIA.

Está bem; fallemos de outras cousas, estas são muito tristes.

LEMOS.

Assim é.... pensar-se na morte é estar-se sempre morrendo.

LOURENÇO (*á parte*).

E eu sem poder fallar-lhe! Vou ver se a faço sahir daqui. (*Alto*) Minha senhora, Vm. toda a noite não dormio, e já fez o mesmo á noite passada; porque agora, que meu senhor está melhor, não se vai deitar um bocadinho?

EULALIA.

Porque não tenho somno.

LEMOS.

Minha filha, isso é máo; é preciso que não te mortifiques por esse modo, do contrario, faltar-te-hão do todo as forças; vai, vai descansar alguns instantes.

EULALIA.

Não tenho precisão, meu pai; não sinto a menor vontade de dormir.

LEMOS.

Não importa, vai sempre deitar-te; quando carecer de ti, mandar-te-hei chamar.

EULALIA.

Porém, meu pai!....

LEMOS.

Obedece-me, eu o exijo; tanto mais, que até desejo ficar só algum tempo, para arranjar alguns negocios.

EULALIA.

Sendo assim, já me retiro. (*Vai-se pela esquerda*.)

LEMOS.

Descansa, que te mandarei chamar.

### SCENA VIII.

*Os mesmos.*

LEMOS (*acompanhando-a com os olhos*).

(*A' parte.*) Pobre menina! em breve não me verá mais! Felizmente tomei todas as cautelas para segurar o seu futuro. (*Reflectindo.*) Ora, de que serve a riqueza neste mundo de illusões? Trabalha um homem toda a sua vida, cerca-se de privações, furta-se ao descanso para amontoar thesouros, e, quando chega ao ponto de goza-los, vem a morte colhê-lo, a mais das vezes precedida de horríveis soffrimentos! Que utilidade tiro eu de ser millionario? Transição de dores, como o mais miseravel dos indigentes, privado de todo o movimento.... desço ao tumulo sem que este cabedal, que tanto me custou a ajuntar, me possa valer! Se os homens um só instante na vida atentassem na morte, a quantas fadigas não se pouparião? Mas a Providencia, sabia em seus designios, os formou de tal maneira, que elles sempre alimentão uma grata esperanza. (*Chamando.*) Lourenço?....

LOURENÇO.

Meu senhor ?...

LEMOS.

Onde estão meus irmãos ?

LOURENÇO.

Creio que lá dentro.

LEMOS.

Deos os proteja !... Durante toda a minha vida só me procurarão para me dar desgostos : hoje estabelecerão-se em minha casa, porque contão com a minha morte próxima, e talvez com a minha fortuna.

LOURENÇO (*approximando-se*).

Meu senhor ?...

LEMOS.

Que queres ?

LOURENÇO.

Meu senhor me ha de perdoar, se me vou metter em cousas que não são de minha conta ; mas ouvi ainda ha pouco certas conversas entre os senhores moços, que me fizeram grande peso no coração.

LEMOS.

Então o que foi ?... dize.

LOURENÇO.

Meu senhor me tem tratado sempre com tanta bondade, que me dará licença para fazer-lhe algumas perguntas?

LEMOS.

Deixa-te de proambulos e avia-te, que me estás empacientando.

LOURENÇO.

A Sra. D. Eulalia não é filha de meu senhor ?

LEMOS.

E quem diz o contrario? desde que veio para a minha companhia, como tal sempre a tratei.

LOURENÇO.

Porém meu senhor declara isto em algum papel?... em seu testamento ?

LEMOS (*afflicto*).

Estas perguntas me dão que entender.... por que motivo as fazes ?

LOURENÇO.

Não é porque eu goste de mexericos, e até mesmo em outra occasião não fallaria nisto.... mas presentemente é meu dever tudo declarar. Meu senhor.... se tem algum papel que diga respeito á senhora moça, por quanto ha de mais sagrado lhe peço, que ponha em parte bom segura ; porque os senhores moços não estão com boas tenções, e se meu senhor fechar os olhos (e que Deos não permita) a minha senhora moça tem de soffrer muito.

LEMOS (*muito afflicto*).

E pensas, que o não tenho previsto? pensas que não conheço de quanto são capazes meus irmãos? (*à parte*) porém, meu Deos, os minutos estão contados e meu compadre Ferreira não chega? Não teria recebido a carta, que lhe mandei escripta por Eulalia? . . (*alto*) Lourenço! não veio alguém procurar-me da parte do commendador Ferreira?

LOURENÇO.

Não, meu senhor.

LEMOS (*à parte*).

Se morrer antes de fallar-lhe.... se meus irmãos encontrarem o testamento, são capazes.... Esta idéa apressa a mi-



minha morte: que fazer?... que resolução tomar!... Minhas idéas se perturbão... minha vista enfraquece... e meu fim não está longe. (*Chamando*) Lourenço!... Lourenço!

LOURENÇO.

Meu senhor!

LEMOS.

Escuta-me... escuta-me bem: posso contar com a tua dedicação e fidelidade?

LOURENÇO (*com resolução*).

Sim, meu senhor, pôde.

LEMOS.

Então ouve-me. Minha hora parece chegada .... Eulalia é minha filha, não o duvides... e rogo-te... como a maior prova de amizade que me pôdes dar, que sempre a accompanies enquanto vivos: que a defendas... que lhe sejas emfim tão dedicado quanto foste a seu pai... Naquelle oratorio... ha uma caixa de folha... que por maneira nenhuma deve cabir em poder de meus irmãos... um segredo que só de ti confio... Apossa-te della... (*Lourenço ajoelhando-se*), esconde-a, esconde-a bem: se acontecer... eu expirar antes, que venha... ah!... não posso continuar! as idéas se perturbão! Lourenço! minha filha! a caixa! (*fica suffocado, e morre*).

LOURENÇO.

Morreu!... (*Cobindo de joelhos*) meu pobre senhor! (*Levanta-se de repente*). Mas de que serve agora chorar? Minha obrigação é cumprir as suas ordens. Naquelle oratorio está uma caixa, que não deve ir para o poder de seus irmãos... ella tem segredos, que eu só posso saber? muito bem (*com resolução*); hei de sabel-os: e depois... espero em Deus, que meu pobre senhor não se ha de arrepender de se ter confiado em seu escravo! (*Corre ao armario e tira a caixa*). Aqui está ella!... (*Esconde-a no seio*). Agora posso chamal-os. (*Indo á direita*). Acudão! Acudão! meu senhor já morreu! meu pobre senhor já morreu!

SCENA XIX

Lourenço, Eulalia, Julia, Theresa, Dionysia, Salgado, Padre Pedro e Firmino, (todos da esquerda, excepto Padre Pedro, que vem do fundo).

EULALIA (*correndo como doido e atirando-se aos pés do pai, a quem abraça*).

Meu pai!

DIONYSIA

Eu bem disse que não passaria de hoje.

SALGADO (*examinando-o*).

Com effeito expirou!

PADRE PEDRO (*que vem do fundo*).

*Consumatum est.* Deus tenha a sua alma em sua santa gloria.

JULIA (*com indifferença*).

Tambem já era tempo, ao menos para a gente descansar.

SALGADO.

Agora o que devemos fazer?

PADRE PEDRO.

Dal-o á sepultura, e ver se ha testamento para sabermos suas ultimas vontades.

SALGADO.

Isso é o principal... Procedamos a uma busca rigorosa. (*A Lourenço*) Que fazos ahí, estafermo?

LOURENÇO (*que se tem aproximado por detrás de Lemos*).

Estou junto de meu senhor.

SALGADO.

Elle já não precisa mais de seus serviços; portanto, vá para a cozinha, que é o lugar dos negros. *(Lourenço olha para o céu, beija a mão de Lemos, abaixa a cabeça, e vai retirando-se de vagar.)*

*(TERESA a Eulalia.)*

E Vm. quer ficar ahí eternamente? vá para seu quarto, quilo poderá chorar mais á vontade. *(Arranca-a dos pés de Lemos e a empurra para dentro.)*

LOURENÇO *(baixo a Eulalia, que chora.)*

Coragem, minha senhora! Deus é grande, e não a ha de desamparar. *(Vai-se pelo fundo, e Eulalia pela esquerda.)*

SALGADO *(depois que elles desapparecem.)*

Estamos sós.... Mãos á obra! que não fique canto sem ser esquadriado, para bem nos assegurarmos de que não existe esse fatal testamento. *(Cada um vai para o seu lado.)*

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO SEGUNDO

Uma sala de jantar com todos os moveis indispensaveis. Entradas pelo fundo. Portas á direita para o interior. Janelas á esquerda, que dão para um pateo.

SCENA I.

LOURENÇO *(entrando pelo fundo com os jornaes do dia).*

Não está ninguém!.... ainda estão dormindo!.... melhor!... Poderei estudar um pouco. Com effeito! nunca pensei que aprender a lêr custasse tanto!.... Nem sei como as crianças podem aprender tão pequeninas! Ha seis mezes (depois que morreu meu senhor), que me canso em unir as letras, mas qual! estou quasi como dantes! e por mais de uma vez já tenho chogado a desesperar. E' verdade, que não tenho lido, nem tempo, nem mestre, e que só perguntando a uns e a outros é que vou sabendo alguma coisa; porém já devia assim mesmo estar mais adiantado do que estou. Não importa; dizia o defunto— que quem quer póde, e eu quero. Quero, para por mim só, sem auxilio de outra pessoa, descobrir esse segredo, que está commigo bem escondido; quero, para vêr se livro dos mãos tratos.... e das mãos desta gente sem consciencia esta desgraçada menina, e hei de consegui-lo, com o favor de Deus. Ora vamos vêr... *(assenta-se, percorre o jornal).* Assim mesmo esta letra de livro não é tão rabiosa como a de escripto. Uma ou outra já conheço: o-a-o-i-e-o-o; mas ajunta-las e soletrar é o que absolutamente não posso. *(Atirando com os jornaes sobre a mesa.)* Diabo leve quem é estúpido! tenho vontade de partir a cabeça!

SCENA II.

O mesmo e Eulalia *(com roupas ordinarias, trazendo um espanador).*

EULALIA.

Que é isto, Lourenço?... o que estás ahí fallando tão zangado?

LOURENÇO (*levanta-se*).

Oh! é Vm. ?... não é nada, não, senhora; estava vendo se podia lêr o *Jornal do Commercio*.

EULALIA.

Se podia lêr o *Jornal*? Então já sabes lêr? dou-te os parabens..... estás muito adiantado.

LOURENÇO.

Qual, minha senhora? ainda me custa muito; porém espero em Deos que hei de chegar a aprender.

EULALIA.

Muito estimarei, e louvo-te os esforços que empregas para consegui-lo. Ninguém deve desprezar os meios de se instruir, e a leitura, além de ludo, é um agradável passatempo. Desgraçadamente até della estou privada. Não querem, não consentem que lêa, nem mesmo um simples jornal.

LOURENÇO.

Pois, se quôr lêr agora, pôde fazê-lo muito bem, que todos ainda dormem.

EULALIA.

Não tenho tempo; a família vai passar hoje o dia em S. Domingos, o quer almoçar cedo; é preciso, pois, que arranque a sala e ponha a mesa.

LOURENÇO (*indignado*).

Que sirva como escrava, não é assim? Minha senhora, lêa os jornaes, que eu vou fazer o serviço. (*Vai á mesa buscar o jornal*).

EULALIA.

Deixa estar, Lourenço, deixa, que cumpra o meu destino.

LOURENÇO (*segurando no espanador*).

Não, senhora: ao menos desta vez não obedeço.

EULALIA.

Pois bem: já que absolutamente o queres..... (*recebe o jornal*).

LOURENÇO.

E muito: assente-se (*dá-lhe uma cadeira*). Lêa descansada, e verá como n'um relampago tudo fica arranjado. (*Vai arranjar a sala enquanto Eulália, a um lado da scena, lê os jornaes.*)

EULALIA (*percorrendo os jornaes*).

Meu Deos! quantos convites para enterros!... quantas lagrimas não estarão sendo derramadas neste momento! (*lendo*) « Antonio Martins Junqueira e sua senhora, feridos do mais doloroso sentimento, rogão a todos os seus amigos, que lhes fação o caridoso obsequio de assistir ao enterro de sua querida filha Luiza Martins Junqueira. » (*fallando*) Esta já não terá de soffrer o que estou soffrendo! morreu! foi para o céu!... e, eu abandonada cá na terra, sou alvo de injurias, de humilhações e de tormentos (*levanta-se e leva a cadeira ao seu lugar*). Com quanto prazer não trocaria a minha pela sua sorte? Ao menos acabava de uma vez... ficava descansada.... ao passo que vivendo como vivo estou continuamente morrendo!

LOURENÇO.

Então achou alguma noticia boa nos jornaes?

EULALIA.

Apenas li os convites de enterro. (*Dá-lhe o jornal.*)

LOURENÇO.

Convites de enterro? que lembrança! Deixe os defuntos, e tratemos dos vivos, que é negocio mais alegre.

EULALIA.

Isso é facil de dizer-se, mas quando o nosso coração se acha enlutado.... quando em nosso espirito sómente se cru zão idéas de tristeza....

LOURENÇO.

Procura a gente enxotá-las por outras melhores ; ora, se nós fallassemos do Sr. Diogo ?

EULALIA (*estremecendo*).

Ah !

LOURENÇO (*á parte*)

Hum !... não me enganai... (*alto*) se fallassemos do Sr. Diogo....

EULALIA (*com indifferença*).

E porque fallar delle e não de outro qualquer ?

LOURENÇO.

Eu lhe digo : é porque, quando nós gostamos de uma pessoa, gostamos tambem de que todos gostem della ; e Vm. sabe quanto eu gosto do Sr. Diogo.

EULALIA.

Sim, e vejo com prazer, que elle não é indigno de tua afeição.

LOURENÇO (*com malicia*).

E da afeição de mais alguém.

EULALIA (*disferçando*).

De certo.... D. Theresinha mostra ter-lhe grande amizade.

LOURENÇO (*á parte*).

Não quer confessar : está com vergonha ! (*ri-se e larga o jornal em cima da mesa*) hi ! hi ! hi ! Não é da Sra. D. Theresinha de quem agora se está tratando, e sim de outra pessoa, que nós conhecemos, e que por mais que queira disfarçar.... não pô lo (*Eulalia cora e abaixa os olhos*) porque até ficou corada, e abaixou os olhos.

EULALIA (*em tom de reprehensão*).

LOURENÇO !

LOURENÇO.

Não se envergonhe, minha senhora, não esconda um amor, que não lhe fica mal. O Sr. Diogo é um moço de muito boas qualidades, e digo-lho, que não é ingrato.

EULALIA.

E não sabes que D. Julia o quer para esposo de sua filha ?

LOURENÇO.

Sim ; mas tambem sei que o Sr. Diogo não gosta della, sua inclinação é toda para seu lado.

EULALIA (*admirada e com prazer*).

Para mim ? e o que semelhante cousa te faz pensar ?

LOURENÇO (*rindo-se*).

Hé ! Eu pareço que não vejo o que se passa ; mas ando com os olhos bem abertos. Então julga, que não tenho visto o calor com que elle sempre a defende ? a maneira por que a olha, e as occasiões, que procura, para dizer-lhe cousas bonitas ? Minha senhora, já tenho quasi 40 annos, e a pratica do mundo me tem dado algum entendimento. O Sr. Diogo gosta muito da senhora, e a senhora não desgosta delle. (*Ri-se.*)

EULALIA.

Cala-te.... cala-te, por piedade.... se chegassem a desconfiar....

LOURENÇO.

Bem sei que augmentarião os máos tratos.... e é por isso, que é necessario toda a cautela.... mas seja como fór.... aconteça o que acontecer.... hei de ver se lhes prego esta peça.... se surrupio-lhes o Sr. Diogo para seu marido.

EULALIA.

Que esperanza ! O Sr. Diogo, um moço rico, fazendo caso de uma miseravel orphã ?

LOURENÇO.

Tem-se visto muita cousa no mundo! Não sabe a historia da gata borralheira, que chegou a casar-se com um príncipe? pois faça de conta que é a sua historia.

EULALIA.

Isso seria uma perfeita loucura, e nem um instante quero pensar em tal.... Não me entretendas com cousas impossíveis, e deixa-me ir cuidar da mesa.

LOURENÇO.

Tambem não consinto.... eu a vou pôr.

EULALIA.

Como? se não entendes?

LOURENÇO.

Não entendo? ora bravos! sou um copeiro de patente!

EULALIA.

E onde foi que aprendestes? em casa de meu pai, por certo que não.

LOURENÇO.

Tambem para ser-se copeiro não é preciso ir-se a S. Paulo; basta ver o que os outros fazem; e a Sra., que ahí está fallando, onde tambem aprendeu? faz-me o favor de dizer?

EULALIA (*triste*).

Tens razão.... porém a necessidade é lei.

LOURENÇO.

Em casa de meu senhor nunca me constou que puzesse a mão nem em um prato. Depois que sahio do collegio só se occupava de seus livros, seu piano, seus bordados, e nada mais.

EULALIA.

Pois vê como os tempos mudão! Em casa de meu pai era tratada com todo o carinho, e aqui não ha serviço, por mais humilhante que seja, de que não me encarreguem! (*chorando.*) Oh! meu Deos, nunca pensei que a minha desgraça chegaria a tal ponto.

LOURENÇO.

Tenha paciência.... tenha paciência, que tudo isto ha de acabar um dia. Parece mesmo, que já está mais perto do que esteve. Olhe.... é verdade que eu sou um triste escravo, e não posso servir de comparação; mas ainda assim não vê quanto tambem soffro calado? quantas sem razões elles praticão commigo?

EULALIA.

E' facto!... pobre Lourenço!...

LOURENÇO.

Em casa do defunto meu senhor, desde que me entendi, sempre meus pés andarão calçados, e hoje não querem que ande nem com as proprias chinellas velhas, que elles botão fóra. Meu senhor, quer estivesse com gente, quer estivesse só, gostava de conversar commigo; porque dizia elle, que eu era muito rethorico, e, até ás vezes, por brincar, me chamava—doutor—; aqui, se ousa dizer uma palavra, me chamão logo desavergonhado. Meu defunto senhor nunca me poz um dedo, nem mesmo me deu uma reprehensão, e estes sem motivo, por cousa nenhuma, me batem e maltratão-me! Tudo isto seria para me fazer desesperar; mas vou aguentando, porque tenho esperanças de que ha de acabar cedo. Faça, pois, como eu.

EULALIA.

Se eu pudesse.... mas não tenho coragem.

LOURENÇO.

Faça por ter e deixe correr o tempo. Vou pôr a mesa, que são horas.

EULALIA.

Não, não. retira-te, que ahí vem a Sra. D. Julia.

LOURENÇO.

E que tem que venha? estou aqui, porque vim trazer os jornaes. *(Pega nos jornaes.)*

SCENA III.

*Os mesmos e Julia.*

JULIA.

Então o que é isto? são estas horas e nem a mesa ainda está posta? Que fez Vm. até agora? Eslove metidiuha na cama!

EULALIA.

Não, senhora.

JULIA.

Desmazelada! preguiçosa! tu nunca has de ser gente, porque bem diz o ditado — pão que nasce torto, tarde ou nunca se endireita.

LOURENÇO *(com sorriso de humildade)*.

A senhora estava varrendo a casa, quando eu entrei para trazer os jornaes.

JULIA.

Ora bravos! venha agora o senhor defender a menina. Também só desses defensores é que ella pódo ter!

SCENA IV.

*Os mesmos, Salgado e Firmino.*

SALGADO.

Que é isto, Julia?... com quem estás ralhando?

JULIA.

É com este atrevido, que não posso dizer nada a esta senhora, sem que elle fago logo as darcas.

SALGADO *(sorrindo com ameaça)*.

O tal senhor Lourenço parece que quer ir fazer uma visita á casa de correção! Pois olhe, eu fago-lho a vontade. *(Amençando para elle)* Que quer aqui? que veio fazer a esta sala?

LOURENÇO.

Vim trazer os jornaes *(estende as mãos em que os tem)*.

SALGADO.

Pois dê-os cá, e suña-se; e, se tornar a vir onde não é chamado, mando-lhe dar uma lição. *(Lourenço retira-se pela direita.)*

SCENA V.

*Os mesmos, sem Lourenço, Julia e Eulalia (que está pondo a mesa).*

SALGADO e FIRMINO *(percorrem os jornaes)*.

JULIA.

Então?! Acaba com isto? Forte estafermo! Não tem jeito para nada! é uma posta de carne com dous olhos. Vê como está esta toalha!.... Puxa mais para lá esta ponta. Basta: agora vai buscar os pratos. *(Eulalia vai pela direita.)*

SCENA VI.

*Os mesmos, sem Eulalia.*

JULIA.

Ora vejão! São quasi seis horas, e, se não me levanto tão cedo, nada estava arranjado, porque a Sra. D. Eulalia estava de conversinhas com o Sr. Lourenço.

FIRMINO (*com mysterio*).

Minha mãe, ha muito tempo que ando com vontade de dizer-lhe uma cousa, e não tenho tido occasião; mas agora vou dizê-la. Você não tem notado certos mysterios entre Lourenço e Eulalia? mesmo certos segredinhos, que luculcão tal ou qual intelligencia entre os dois?

JULIA.

Não ha duvida.

FIRMINO.

Pois é preciso dar-lhe as providencias.

SALGADO.

Deixem-se de asneiras. Eulalia foi creada com Lourenço, e é bom natural que lhe tenha alguma amizade.

FIRMINO.

Meu pai, Lourenço é crioulo, e muito ardiloso; quem nos diz a nós, que elle seja o portador de recados e cartinhas de algum miliano para Eulalia?

SALGADO.

Se assim fosse, se elle lhe procurasse algum casamento, até lhe ficaria obrigado por livrar-me da carga.

JULIA.

Tambem nunca vi homem como este! Não se imperta com cousa alguma! quer saber, Sr. Salgado? diz o dilado: — Franguinhos, oriel-os e comêl-os; crioulos, oriel-os e vendêl-os. — Meu filho tem muita razão no que diz, e eu quero este negro, quanto antes, com dono.

SALGADO.

Porém....

JULIA.

Não ha porém, nem mais porém: venda-o, e com a condição de ser para fóra da terra.

SALGADO.

Está bom, senhora, far-lhe-hei a vontade; descanse, que o Lourenço será vendido.

SCENA VII.

*Os mesmos, Eulalia (que houve estas ultimas palavras).*

EULALIA (*à parte*).

Que ouço? não faltava mais nada! (*Vai pondo os pratos na mesa.*)

SALGADO.

Que é de Theresa? ainda dormo?

FIRMINO.

Supponho que sim.

SALGADO.

Vão acordal-a, que são horas, uma vez que temos de sair; é preciso ir cedo, do contrario o passeio não tem graça.

JULIA.

Coitadinha! é uma pena ir interromper o seu somno; mas, já que não ha remedio, vou fazêl-o com bem dôr de meu coração. (*Vai-se.*)

SALGADO.

O carro ainda não chegou?

FIRMINO.

Não, senhor.

SALGADO.

Neste caso vou a cocheira saber do Sr. Porto, se quer ou não mandal-o. Encomendei-lh'o para as 6 horas e ha muito, que ellas lá vão. (*Vai-se pela fundo.*)

FIRMINO.

Pois admira, que nessa casa ha muita pontualidade.

SCENA VIII.

*Firmino e Eulalia.*

FIRMINO *(á parte)*.

Bom, estamos sos, ora mesmo o que eu desejava. *(A Eulalia, que está occupada com a mesa)* Eulalinha! oh! Eulaliinha! vem cá... escuta uma coisa.

EULALIA *(com dignidade)*.

Queira perdoar-me, agora não posso, que tenho pressa em servir o almoço....

FIRMINO.

Tambem o que te quero dizer não leva tempo, anda, escuta, que não te has de arrepender.

EULALIA.

Já disse que não posso, estou cumprindo as ordens da senhora sua mãe.

FIRMINO.

Por causa desse teu genio, é que todos te tratão mal.

EULALIA.

Paciencia! Deos algum dia se compadecerá de mim.

FIRMINO.

Ora, que te custa teres-me um pouco de amizade? De todos desta casa eu sou o unico, que te estima, e é justamente commigo com quem te mostras mais desabrida.

EULALIA.

Está enganado, cumpro as ordens de todos igualmente, a todos obedeco sem reflectir.

FIRMINO *(sorrindo-se)*.

Então porque agora não me obedecos? chamei-te; porque não xens?

EULALIA.

Porque não posso.

FIRMINO.

Dize antes porque não me queres bem. Pois olha, fazes muito mal, se correspondesses á amizade que te tenho, tua vida seria completamente mudada. Minha irmã, minha mãe, enfim todos te estimarão; porque tenho influencia sobre elles, e, quando mesmo não quizeses estar mais nesta casa, dar-te-hia tudo quanto necessitasses.

EULALIA.

Muito lhe agradeço.

FIRMINO.

Não tens de que, e se duvidas, dá-me um só abraço, e verás como cumpro o que prometto; queres experimentar?

EULALIA.

Seus parentes ficarão-me tudo, reduzirão-me á mais triste condição; deixe-me ao menos intacto aquillo que, nem o senhor, nem elles, me podem dar, que é a minha honra.

FIRMINO.

Es uma tola! e ainda mais tolo sou eu em estragar as minhas perolas. Quero um abraço, has de dar-me, por vontade ou por força.

EULALIA *(do outro lado da mesa)*.

Sr. Firmino, respeite-me; ainda mesmo na abjecção, em que vivo, não lhe dou direito para insultar-me.

FIRMINO.

Deixa-te de palavras. Venha o abraço e acabemos com isto. *(Persegue-a; ella foge em roda da mesa. Fogo da scena.)*

EULALIA.

Se continúa, grito.



FIRMINO.

Grita até arrebentares; com isso pouco me importo.  
(*Corre atrás della, que foge para o fundo, e, quando vai quasi a segural-a, apparece Lourenço, que se põe entre os dous*).

SCENA IX.

*Lourenço e os mesmos.*

FIRMINO (*com muito máo humor*).

Quem te chamou?

LOURENÇO (*com humildade*).

Ninguem; vinha dizer, que ali está o Sr. Diogo.

FIRMINO.

Pois abra a sala e mande-o entrar.

LOURENÇO.

Já entrou.

FIRMINO (*à parte*).

Este palife parece, que me anda espiando; mas eu o cusinarci. (*Vai-se pela direita*).

SCENA X.

*Lourenço e Eulalia.*

LOURENÇO.

Inda bem que cheguei a tempo.

EULALIA.

Sim, Lourenço, salvaste-me de um insulto, porque este homem é um verdadeiro demonio, que me persegue; tenho mais medo dello, do que dos outros, que este atenta contra a minha honra.

LOURENÇO.

Não se assusto, que ando sempre com o olho bom vivo, se fôr preciso saberei defendê-la.

EULALIA (*chorando*).

Mas como? se até mesmo de ti me querem privar?

LOURENÇO.

Privar-a de mim? e de que modo?

EULALIA.

D. Julia exigio a tua venda, e o Sr. Salgado promettou, que lhe faria a vontade.

LOURENÇO (*entristecendo*).

Quer que me vendão? Era só o que restava!

EULALIA (*prestando o ouvido*).

Assim, já vês quanto sou desgraçada!

LOURENÇO (*à parte*).

Não esperava por isto! (*Alto*) Está bom, minha senhora, por ora não se amofine, que Deus fará o que fôr melhor.

JULIA (*dentro*).

Eulalia! vem vestir a menina.

EULALIA.

Já vou. (*À Lourenço*) Não dês a entender, que te descobri este segredo.

LOURENÇO.

Não, minha senhora, não direi cousa alguma.

SCENA XI.

LOUENÇO (só).

Querem-me vender! querem-me dar outro senhor! paciência! Podem fazê-lo; porque sou escravo, e estão no seu direito: um escravo não tem escolha, e ha de por bem ou por mal servir a todo aquelle, que o comprar. Assim sempre quizerão os brancos, que são os mais fortes! Quem nasceu na triste condição do escravo tem de sujeitar-se á sua sorte. Mas será isto o que Deos manda? Não, Deos não póde querer, que quem não tem culpa, como eu, sofra castigo. *(Depois de reflectir)*. Se eu fôr vendido, o que será dessa pobre menina, a quem sempre sirvo de alguma cousa? Ao menos, ou aqui estando, ella tem quem a cuido, e sabendo, ficará de todo desamparada. Que farei? nunca os ferros do captivo me posarão tanto! Se pedir, se me ajoelhar aos pés do meu senhor, não fará caso. *(Reflecte algum tempo e depois com segurança diz)*. Sim; isto me parece o melhor, e deste modo ninguém me quererá comprar. *(Vai-se.)*

SCENA XII.

O padre Pedro e Salgado.

SALGADO.

Já lhe disse, que agora não me posso occupar desse negocio: vou sair com a familia; em outra occasião fallaremos.

PADRE PEDRO.

Sabe, que mais, Sr. Salgado, eu já não vou gostando muito da graça. Anda-me o senhor empallando, e não ata, nem desata. Decididamente quero o inventario terminado, do contrario vou pedir a sua remoção de inventariante.

SALGADO.

Metta-se nessa.

PADRE PEDRO.

Porque? julga que não sou capaz?

SALGADO.

Julgo...: sim.

PADRE PEDRO.

Pois não o feche o senhor, até o fim do mez, e verá o que faço.

SALGADO.

O que ha de fazer?... Ora não me seque, que não estou para atural-o.

PADRE PEDRO.

Nem eu ao senhor. Não está má esta! Tomou conta dos bens de meu irmão, e mette-se á destrual-os muito a seu salvo, sem dar satisfações a ninguém! Meu caro, sempre ouvi dizer, que quem é tolo, pede a Deos que o mate, e não quero que me chamem tolo.

SALGADO *(com malicia)*.

Fique descansado, que ninguém o chamará. Não goza dessa reputação.

PADRE PEDRO.

Que quer dizer com isso?

SALGADO.

Eu cá me entendo.

PADRE PEDRO.

O senhor anda-me provocando.... mas um dia saio do serio.

SALGADO.

Veja lá se mette medo á criança.

PADRE PEDRO *(ameaçando-o)*.

Não facilite.

SALGADO.

Ora, não seja bobo.

PADRE PEDRO.

Bobo é elle, grandissimo velhaco.

SALGADO.

Velhaco ! esperá, maroto, que te esgrino.

PADRE PEDRO (*pegando em uma cadeira*).

Vem..... vem para cá, se tens barbas.

SALGADO (*avança-se a elle, segura na cadeira e latão*).

SCENA XIII.

*Os mesmos, Julia, Firmino, Eulalia, Theresa e Lourenço.*

JULIA (*correndo*).

Que é isto ? mou Deos ! (*mettendo-se entre os dous*). Estão deudos ! tonhão proposito ! Vejão que já são dous homens de cabellos brancos.

SALGADO.

Deixa-me, que quero ensinar a este mariola.

PADRE PEDRO.

Mariola é elle, não seja insolente (*quer avançar*).

FIRMINO (*segurando-o*).

Sr. padre, socague : isso é improprio do seu character.

THERESA.

Meu pai, não se deite a perder.

SALGADO.

Assentou este senhor..... que se ha de divertír commigo ; não me deixa um instante, sempre atanasando-me os

ouvidos, e parece até que me julga seu criado para só occupar-me delle.

PADRE PEDRO.

Dê-me o que me pertence, que se verá livre de mim ; mas enquanto quizer desfructar o alheio não o hei de largar.

FIRMINO.

Ora, logo vi que o maldito inventario era a causa deste barulho.

THERESA.

Tambem, tillo, o senhor para que quer mais dinheiro, se já está tão rico ? Deixe tudo a papai, que é mais preciado.

PADRE PEDRO.

Menina, vá occupar-se de suas costuras, e não se venha metter onde ninguem a chama.

FIRMINO (*á parte*).

Forte grosseiro !

DIOGO.

Sr. padre, V. S. não tem razão. Eu mesmo sou testemunha de que o Sr. Salgado tem feito quanto pôde para conclusão do inventario ; e, se nisto tem havido demora, tem sido ella independente da sua vontade.

PADRE PEDRO.

Meu senhor, deixemo-nos de historias ; diga isso a quem não conhecer meu cunhado.

SALGADO (*a Diogo*).

Com elle é perder tempo ; é um esturrado, que assenta que todos o enganão. Julga os mais por si.

PADRE PEDRO.

Tornamos a começar ?

JULIA.

Está bom, acabemos com estas scenas, que são muito desagradaveis, principalmente entre parentes.

EDALIA *(que tem posto o almoço na mesa).*

O almoço está prompto.

JULIA *(ao padre).*

Ainda bem, venha almoçar, que talvez todo o seu mal seja fome.

PADRE PEDRO.

Obrigado; se comesse alguma cousa nesta casa, parece-me que a comida se converteria em resalgar. Passem muito bem. Sr. Salgado, em breve terá noticias minhas.

SALGADO.

Saude.

*(Padre Pedro pega no chapéo de Salgado, que está sobre uma cadeira, põe-o na cabeça, deixando o seu de tres bicos, ficando por isso uma figura ridicula.)*

LOURENÇO.

V. S. leva o chapéo trocado.

PADRE PEDRO.

E' verdade! se estou com a cabeça pelos ares. *(Troca o chapéo e vai-se no meio de geraes gurgalhadas.)*

SALGADO.

Forté usurario! faz-me perder a paciencia.

FIRMINO.

Eu em seu lugar nem lhe dava satisfações e ia fazendo o que me parcesse.

SALGADO.

Isso é o que pratico, mas o maldito me provoca a pontos....

JULIA.

Senhores, o almoço está esfriando.

SALGADO.

Pois almocem, que eu não quero; esta scena tirou-me o appetite.

DIOGO.

Faça sempre diligencia por tomar algum alimento. Dizão os antigos que no comer e coçar o ponto está principiar.

SALGADO.

Está bom, irei para não desmanchar prazeros.

JULIA.

Ora, graças! Ainda bem! Vamos para a mesa.

TODOS.

Para a mesa.

EM DO SEGUNDO ACTO.

## ACTO TERCEIRO

Um salão com os moveis indispensaveis, e um piano de armario ao lado direito: janellas á esquerda.

### SCENA I.

*O Padre Pedro e Lourenço (vindo pelo fundo).*

LOURENÇO.

Oh! meu senhor! Sr. padre! foi Deos quem o trouxe a esta casa.

PADRE PEDRO.

Porque? Ha alguma novidade?

LOURENÇO.

Não, senhor, mas eu tinha de pedir-lhe um grande favor; ou, para fallar melhor, uma grande esmola.

PADRE PEDRO *(á parte)*.

Dinheiro para embebedar-se, está bem visto. *(Alto)* Esmola. Filho?... sinto muito não peder na occasião: os tempos estão calamitosos, e mal a gente ganha para viver!... não tenho commigo nem real.

LOURENÇO.

Não é dinheiro, Sr. padre, o que peço; é um favor maior que a vida.

PADRE PEDRO.

Um favor?... qual é elle? dize.

LOURENÇO.

Meu senhor quer vender-me.... o talvez hoje mesmo se passe a escriptura: queria que V. S., como seu cunhado, como irmão de meu defunto senhor, que tanto me estimou,

pedisse por mim.... se empenhasse para que eu não fosse vendido.

PADRE PEDRO.

Pois tens assim tanto amor á casa? Julgava que teus senhores pouco havião feito para grangear esse aferro.

LOURENÇO.

Dessas cousas não sei: o que unicamente agora me dá cuidado é não separar-me de uma casa, onde cada cousa me lembra o tempo em que fui tão feliz, onde está uma pessoa a quem meu defunto senhor tinha tanta amizade.

PADRE PEDRO.

Ah! é então especialmente por ella, que não queres que te vendão?

LOURENÇO.

Para que negal-o? Essa menina foi quasi criada em meu collo: desde criancinha sempre tive por ella tanto amor como se fosse seu pai. Vendido, longe daqui, quem a servirá?... quem se importará com ella? Sr. padre, peça a seu cunhado que não me venda. Nem elle, nem ninguem de casa tem contra mim a mais pequena razão de queixa, e se porventura tenho feito alguma cousa, que não lhe tenha agradado, que me digão, porque juro que me emendarei.

PADRE PEDRO.

Sinto na verdade, Lourenço, não peder servir-te no que pedes; mas bom sabes, que meu cunhado tem procedido commigo por tal fórma, que necessario até foi recorrer en ás autoridades. Se aqui venho hoje, é para receber o importe de uma letra, que elle me passou nessa desastrosa accommodação que commigo fez, e por ahí verás, se sou o mais competente para pedir-lhe algum favor. Tem paciencia; como és bom escravo, com qualquer senhor, que tiveres, te has de dar bem.

LOURENÇO (*afflicto*).

Não é por mim, é só por causa da Sra. D. Eulalia que supplico.

PADRE PEDRO.

Já disse que nada podia; assim, não insistas: em outra qualquer coisa em que te possa ser util, conta commigo. (*Lourenço sacode a cabeça com ar de incredulidade.*) Meu cunhado está ahí?

LOURENÇO (*muito triste e desacoroçoado*).

Deve estar no sótão.

PADRE PEDRO.

Então vou fallar-lhe; procura resignar-te, que é o unico remedio. (*Vai-se pela direita.*) Toma paciencia.

SCENA II.

LOURENÇO (*só, depois de algum silencio*).

Paciencia! paciencia! não posso; antes eu queria... Oh! meu Deus! quanto é desgraçado um pobre escravo! o proprio tigre, que ama seus filhinhos, pôde acompanhá-os por toda a parte, sem que ninguém lh'o estorve, e um escravo não pôde estimar a filha do seu bemfeitor, servil-a, e estar onde ella está! E' obrigado a esconder em seu coração tudo quanto sente! (*Pausa e reflexão.*) Que tyrannia? querer vender-me! O que fiz eu? que crime commetti? Não cumpro com todas as minhas obrigações? não sou humilde e obediente, como deve ser todo o escravo? O estimar a Sra. D. Eulalia, o fallar em seu favor quando posso, não é um mal, e no entanto é só isto o que mais tem zangado a minha senhora, é o que mais a tem feito pedir a minha venda. Não ha remedio. Vou fazer o que pensei; só deste modo poderei escapar. (*Vai-se pelo fundo.*)

SCENA III.

*Salgado, padre Pedro (da direita).*

SALGADO (*continuando a conversa*).

Creio que agora as nossas contas estão justas e que o senhor nada mais tem a exigir de mim.

PADRE PEDRO.

Sim, estão justas as nossas contas, porque sou condescendente; se o não fôra, muito teriamos ainda que descascar. Mas já estou farto de demandas, e mesmo com prejuizo prefiro o meu socego.

SALGADO.

Se não está contente, não sei o que mais quereria: fizemos uma partilha amigavel, e dei-lhe tudo quanto o senhor quiz.

PADRE PEDRO.

Está bom, não fallemos em aguas passadas. (*Mostrando uns papeis*) Estas letras são do banco Rural, como me disse?

SALGADO.

Não as vio quando lh'as entreguei?

PADRE PEDRO.

Não fiz reparo. Neste caso, vou já cobral-as. (*A' parte*) Este dinheiro em mão de particulares rende dez vezes mais e com hypotheca.

SALGADO.

Apresentando as letras, immediatamente receberá o seu importe.

PADRE PEDRO.

Bem, meu cunhado, fique-se com Deus.

SALGADO.

Saude, Sr. padre, (*a parte*) e muito favor me fará se não voltar á minha casa, usurario de satanaz.

SCENA IV.

SALGADO (*só, assenta-se um momento*).

Ora, não me sahe de sentido a carta do commendador Ferreira, em que por mais de uma vez me pergunta, se não

se achou o testamento de meu cunhado. Existirá, com effeito, esse maldito testamento? Se elle agora apparecesse, era uma dos diabos! Ter eu de restituir aquillo de que estou de posse! Só esta lembrança me dá calafrios. Esta carta do commendador Ferreira ainda veio mais acoroçoar-me no projecto de casar Eulalia com o meu feitor. Se por acaso apparecesse o testamento, e por elle fosse ella reconhecida, já estando casada com o feitor, estava eu bem; o feitor é um bruto, que nem sabe assignar o seu nome, e contentar-se-hia com qualquer cousa, que lhe dessem. Cumpre, pois, que este casamento se faça quanto antes, e, se ella não quizer por vontade, saberei obrigar-a. Vou fallar-lhe. *(Chegando ao bustidor da direita e chamando)* Eulalia? vem cá tóra. *(Volta para a scena)* Primeiramente quero empregar a brandura.

SCENA V.

*O mesmo e Eulalia.*

EULALIA.

Chamou-me, Sr. Salgado?

SALGADO.

Chamei-te, sim; temos um negocio que te diz respeito. *(Vai buscar uma cadeira e assenta-se)* Puxa uma cadeira e assenta-te ao pé de mim.

EULALIA.

Muito obrigada, assim mesmo de pé estou bem.

SALGADO.

Faze o que te mando; assenta-te, que o negocio é longo. *(Eulalia assenta-se)*.

SALGADO.

Que idade tens?

EULALIA.

Vou fazer em Junho 17 annos.

SALGADO.

Dezasete annos é idade propria para as moças tomarem estado. Tu sabes que depois da morte de meu cunhado, em cuja casa foste criada, trouxe-te para a minha, afim de que não ficasses ao desamparo. Aqui tens estado, e emquanto eu viver espero que nada te faltará; mas, como não tenho a vida por contrato, se acontecer fechar os olhos, tua parte será muito duvidosa. Querendo, pois, honrar a memoria de meu cunhado, que parecia estimar-te, querendo mesmo cuidar de teu futuro, procurei-te um casamento, que, segundo as circumstancias, julgo vantajoso. Como és pobre e não tens nome nem familia, não pôdes nem doves nutrir elevadas aspirações; um homem simples, honesto, trabalhador, que te ampare e te proteja, é tudo quanto te convem; tanto mais, que dar-te-hei um dotesinho, com que te possas estabelecer.

EULALIA *(á parte)*.

Oh! meu Deos!

SALGADO.

Manoel, o meu feitor, tem-te visto algumas vezes, e como lhe agradaste pediu-te em casamento.

EULALIA *(reprimindo um grito e levantando-se)*.

Ah!

SALGADO *(levantando-se tambem)*.

Bem vejo, que elle não é um desses adonis a polimetros que gastão o seu tempo em calçar luvas e retorcer os bigodes; porém, como és uma menina judiciosa, certamente, não darás importancia a essas futilidades. O Manoel é o homem de que precisas, o lá por elle ser feitor, não seja a duvida.

Entre nós temos hoje pessoas importantes, que começã-rão por menos. O homem fiz-se, e não nasce feito; pôde ser que este, que hoje é simples feitor, para o futuro ainda venha a ser muita cousa. Que dizes?... estás prompta?

EULALIA.

Estava tão longe desta proposta, esperava tão pouco ouvir fallar em semelhante assumpto, que, sorprendida, confusa, não sei mesmo se sonho ou se estou acordada.

SALGADO.

Asseguro-te que estás bem acordada, e que é sem dúvida o prazer quem te causa essa agitação.

EULALIA.

O prazer ?

SALGADO.

Sim : qual é a moça solteira, que não gosta que lhe fallem em casamento ? sempre as ouvi dizer, que é o seu desombargo do Paço.

EULALIA.

Pois, senhor, juro-lhe, que commigo se dá o contrario. Acostumada desde tenra idade a soffrer, tenho tomado tal aborrecimento ao mundo, que todo o meu desejo é fugir dello. Se já está cansado de ter-me em sua casa, se já lhe pesa dar-me o alimento em troca de meus serviços, porque não me mette em algum convento ? ah ! ao menos estarei tranquillá e não servirei de carga a ninguém.

SALGADO.

Isso é uma loucura. Para entrar em um convento é preciso dinheiro, e tu és pobre, como Job. O melhor partido, pois, a tomar, é aceitares o marido, que te proponho.

EULALIA.

Mas se eu não tenho vocação para o casamento ?

SALGADO.

Asneiras ! que vem a ser vocação ? é uma palavra sem sentido, é nada. Toda a mulher nasce para casar-se, e tu certamente não és a excepção da regra. O Manoel, feitor, ha de vir logo, e, espero, que ouvirá o—sim— de tua propria boca. Esta é a minha vontade ; porque julgo, que serás feliz, e desejo não ser contrariado.

EULALIA.

Até hoje, parece-me que nunca me oppuz ás suas ordens, e que as tenho fielmente cumprido com toda a submissão ; porém ao que agora de mim exige me desculpará, se me opponho. O casamento, em que não ha união de vontade, igualdade de condições e sentimentos, bem longe de ser uma ventura, é uma cadeia de infortunios, e eu já tenho sido tão infeliz, que me horrorisa a idéa de um futuro desastroso.

SALGADO.

Sempre foi o teu grande defeito a soberba.

Aposto que se o Manoel fosse algum empregado publico, algum doutorzinho, outra seria a tua linguagem ? pois, minha senhora, quem é pobre não tem escolha, nem tem remedio senão aceitar o que lhe cabe por sorte.

EULALIA.

Deos me puna se é o orgulho ou a soberba quem assim me faz fallar. Esses vicios, caso os tivesse, ha muito deverião ter desaparecido em presença das crucis humilhações, por que tenho passado. Repito, senhor, que nenhuma disposição tenho para casar-me, e que, sendo esta minha firme resolução, supplico-lhe, que poupe tanto a mim, como a seu feitor, o desgosto de uma recusa.

SALGADO.

E já não lhe disse, que esta era a minha vontade ?

EULALIA.

Disse, é facto ; mas espero, que não levará a tyrannia ao ponto de querer violentar-me.

SALGADO.

Não percamos palavras : desde que a trouxe para minha casa, seu destino corre por minha conta : julgo ser-lhe proveitoso este casamento, e elle se fará. Reflicta, nada de pôr-se em luta commigo, porque ficará de peor partido. O feitor virá logo, como lhe disse, e o meu proceder se modelará



pela maneira, por que a senhora com elle se houver. (*Vai-se pela direita.*)

EULALIA (*só, aterrada*).

Se um raio livesse cahido a meus pés, creio que não estaria mais aterrada do que estou: querer casar-me com o seu feitor? com esse grosseiro e immundo, que olhará para mim como olharia para uma escrava? Nunca! nunca! antes morrer. Não é a sua condição, que me horrorisa, porque a condição a ninguém avilta; mas sim a sua brutalidade e estupidez. O homem mal educado é capaz de tudo; pôde commetter até as ultimas infamias, porque não sabe discernir entre o bom e o mau, entre a virtude e o vicio. Decididamente refutarei. O que me podem fazer mais do que já me têm feito? Lançarem-me fóra daqui. Deos não me desampará! Irei servir em qualquer casa honesta, irei dar lições a alguma familia decente, que me recolherá. Felizmente meu hom pai não se descuidou da minha educação: fez-me aprender tudo quanto pudesse desenvolver o meu espirito: serei forte; e, já que me privarão da riqueza, não queirão ir além constrangendo minha vontade. A submissão deve ter um limite, e, quando ella excede ás marcas, degenera-se em aviltamento.

#### SCENA VI.

*A mesma e Lourenço.*

LOURENÇO (*com mysterio*).

Oh! minha senhora, que felicidade encontral-a! tenho uma noticia muito boa para dar-lhe.

EULALIA.

E eu uma muito triste a communicar-te.

LOURENÇO.

Peior é esta! logo vi que eu não teria uma alegria sem ter logo uma tristeza: enlão o que é?

EULALIA.

O Sr. Salgado quer casar-me com o Manoel feitor.

LOURENÇO.

Com quem? com o feitor, que não serve nem para marido de uma mulher atôa? Ora, minha senhora está brincando.

EULALIA.

Não estou, Lourenço, o que te digo é a pura verdade, e quer elle, que hoje mesmo eu dê o sim.

LOURENÇO.

E a senhora o que pretende fazer?

EULALIA.

Recusar.

LOURENÇO.

Sim, recusar e sem medo, porque sua sorte vai mudar-se, e esta era a boa noticia, que vinha trazer-lhe.

EULALIA.

Noticia boa para mim? não o espero.

LOURENÇO.

Me escute, e verá: a senhora não se lembra daquello commendador que ia muito á sua casa, antes do meu defunto senhor adoecer?

EULALIA.

O commendador Ferroira?

LOURENÇO.

Esse mesmo.

EULALIA.

Que tem enlão?

LOURENÇO.

Chegou ha quatro dias a esta cidade, e eu, por saber quanto elle foi amigo do defunto senhor, e que por isso havia de estimar a todos a quem elle quiz bem, procurei-o para que elle se empenhasse afim de eu não ser vendido. Já se sabe, que contei-lhe tudo quanto a senhora aqui soffria, e elle sentio tanto, que até chorou. Ficou muito admirado de não achal-a reconhecida, e gritou que o senhor fez testamento, que se não appareceu foi porque o escondêrão : no emtanto, para que a senhora não continue a soffrer, quer tiral-a desta casa, loval-a para sua companhia, e comprar-me, para que não sejamos separados. Já vê que tenho razão de estar muito contente e de dizer-lhe, que a sua sorte vai mudar-se.

EULALIA.

E fará elle o que promette?

LOURENÇO.

Que duvida? é um homem muito capaz.

EULALIA.

Oh! Lourenço, se tal acontecesse parece-me morreria de prazer.

LOURENÇO.

Não duvide; a quem Deos promette não falta. Minha senhora, não ha mal que sempre dare, nem bem que se não acabe.

EULALIA.

Essa esperanza, Lourenço, é a unica que me tem dado alento no meio das minhas desditas.

LOURENÇO.

O que é preciso por ora é o segredo : deixemos, que elle venha sem ser esperado; senão, podem elles atrapalhar tudo.

EULALIA.

Pela minha parte nada direi; mas quando virá o commendador Ferroira?

LOURENÇO.

Parece que não se ha de demorar muitos dias; porque eu lhe disse toda a verdade, que a senhora aqui ora tratada peior do que uma escrava. *(Ouvem-se palmas.)*

EULALIA.

Estão batendo. Oh! se fosse elle?

LOURENÇO.

Vou ver *(vai ao fundo)*.

EULALIA *(a si)*.

Se elle de facto conseguisse tirar-me desta casa! mas qual! taes fortunas não são para mim.

### SCENA VII.

*A mesma, Lourenço e Diogo.*

LOURENÇO *(a Eulalia)*.

E' o Sr. Diogo. *(A Diogo)* V. S. pôde entrar.

*Diogo (vendo a Eulalia e apertando-lhe a mão).*

Como tem passado, minha senhora? Já está mais alegre, ou continuão ainda as suas tristozas? Desde que venho a esta casa, sempre o vejo melancolico.

EULALIA.

E' porque não tenho razões para andar contente.

DIOGO.

Bem sei e bem vejo o que se passa; mas não desespere. Deos costuma exaltar os humildes e dorrubar os poderosos;

dia virá talvez que alguma pessoa, fascinada pelos seus encantos....

EULALIA ( *cortando a conversação*).

Com licença; vou participar á senhora que V. S. aqui está. (*Vai-se.*)

DIOGO (*a Lourenço*).

Não me quiz ouvir e retirou-se. Estás vendo, Lourenço, que não mereço as suas sympathias?

LOURENÇO.

Não creia nisso: as moças não gostão de descobrir o que sentem, e quando dizem com a boca— não— com os olhos dizem que— sim.— Por uma conversinha que tivemos no outro dia, sei que do senhor ella não desgosta.

DIOGO.

Tal certeza seria uma ventura, porque amo-a, como se pôde amar, e, quanto mais a procurão rebaixar em minha presença, tanto mais se me augmenta a vontade de elevá-la.

LOURENÇO.

Ah! Sr. Diogo, se V. S. fizer a felicidade desta menina, creia que Deos o abençoará, dando-lhe por mulher um anjo, como melhor não ha no céu.

DIOGO.

Eu o creio, Lourenço. A resignação com que ella soffre as injustiças de todos desta casa bem me tem mostrado a extrema bondade de sua alma.

LOURENÇO.

E' assim! todos aqui procurão maxueal-a, mas deixem estar que isto não durará muito tempo.

DIOGO.

Porque?

LOURENÇO (*olhando para o lado*).

Porque.... Depois lhe direi. Agora não posso, que ahí vêm as senhoras, e, como não quero que me vejam aqui, vou-me safando; com licença. (*Vai-se pelo fundo correndo.*)

DIOGO.

Pois sim, vai-te. Em outra occasião conversaremos.

### SCENA VIII.

*Diogo, logo depois D. Julia, Theresa e Salgado.*

DIOGO.

D. Julia está persuadida de que amo a filha; deixal-a-hei por enquanto nessa persuasão.

D. JULIA (*entrando com Salgado e Theresa*).

Oh! Sr. Diogo, pensei que estava mal comnosco, ha dous dias que não temos a dita de vê-lo. A minha Theresinha só andava perguntando, se o senhor estaria doente.

DIOGO.

Julgo-me muito feliz por ter merecido a solicitude da Sra. D. Theresinha.

SALGADO.

E' que esta menina lhe tem amizade; quasi sempre está fallando no senhor.

DIOGO.

Sou-lhe por isso infinitamente reconhecido.

JULIA.

Ainda hontem, julgando que o senhor appareceria á noite, guardou-lhe umas ilôres, que colheu no jardim do Magalhães, onde fomos passear; a esta hora já estarão murchas. Onde as puzeste, minha filha?

THERESA.

Em uma jarra no meu quarto.

JULIA.

Pois vai buscal-as.

THERESA.

Ora, mamãe!...

JULIA.

Vai; que tom?

THERESA.

As rosas já estão desfolhadas.

JULIA.

Não faz mal, o Sr. Diogo dará os devidos descontos.... Ah! não queres? pois eu mesmo as mandarei buscar. *(Ao bastidor)*. Eulalia, traze cá essa jarra de flores, que está no quarto da menina. *(A Diogo)*. Flores, inda mesmo murchas, dadas por moças sempre têm merecimento.

DIOGO.

De certo, minha senhora.

SCENA IX.

*Os mesmos e Eulalia (entrando com uma jarra de flores.)*

EULALIA.

Aqui está! *(no dar as flores cahem no chão)*.

JULIA.

Forte desastrada! não fazes nada com geito, não sei mesmo para que servos.

EULALIA.

Foi a senhora que no tomar a jarra deixou cahir as flores.

JULIA.

Cale a boca, e não me responda; ha um tempo a esta parte, que está ficando muito altaneira, pois não sei em que se fia.

DIOGO.

Está bom, minha senhora, não se afflija, foi um successo sem consequencia. Aqui estão as flores, e muito as agradeço à Sra. D. Theresinha.

THERESA.

Queira perdoar, se não é cousa capaz.

DIOGO.

São magnificas, e como cheirão!

EULALIA.

Posso levar a jarra?

JULIA.

Póde. Agora veja lá se a vai quebrar. *(Eulalia retira-se.)*

DIOGO.

Parece-me, Sra. D. Julia, que V. Ex. trata com muita dureza a esta rapariga.

JULIA.

Qual! trato-a como merece; é mesmo uma desagoitada, que não sei para que veio ao mundo; tomara já que meu marido lhe dê algum destino para vêr-me livre d'ella.

SALGADO.

Hoje espero arranjar-lhe um casamento.

DIOGO.

Ah! ella casa-se?

SALGADO.

Sim, vou casá-la com o meu feitor, que por ser um paz d'alma quer carregar com a bucha.

DIOGO.

Com o seu feitor, e .... D. Eulália consente?

SALGADO.

Quer consinta, quer não, como quero, é quanto basta.

DIOGO (ironicamente.)

Sim.... manda quem pôde, e nada mais é preciso.

JULIA.

Está bem claro.

SCENA X.

*Os mesmos, e Firmino (entrando com Theodoro).*

FIRMINO.

Meu pai, aqui está o Sr. Theodoro, que vem para comprar o Lourenço.

LOURENÇO (*apparece na porta do fundo, ouve estas palavras e diz á parte.*)

Já?... então é tempo. (*Desapparece.*)

SALGADO.

Queira vir para cá (*leva-o para junto da mesa do meio da sala, e ahí o faz assentar-se*). Sr. Diogo, vá entreendendo-se com as senhoras em quanto trato de um negocio.

DIOGO.

Não faça ceremonias, commigo: se a Sra. D. Theresinha no entanto quizesse tocar alguma cousa!

THERESA.

O senhor sabe muito bem, que não toco nada capazmentê.

DIOGO.

Isso é modestia, porque já a tenho ouvido tocar, e muito bem.

JULIA.

Toca aquella valsa, que hontem estudaste.

THERESA.

Ora mamã, uma valsa?

DIOGO.

Que tem? uma valsa bonita é muito agradável.

THERESA.

Eu vou só para lhe fazer a vontade, mas depois não faça zombaria.

DIOGO.

Não sou capaz. (*Theresa assenta-se ao piano, Julia fica de um lado assentada. Diogo do outro. Theresa toca uma valsa em meia força para deixar ouvir a conversação entre Salgado, Theodoro e Firmino. Estes estão junto da mesa assentados: Firmino consereu-se em pé por detrás da cadeira do pai.*)

THEODORO.

Então assegura-me V. S., que elle não tem molestia alguma?

SALGADO.

Não só o asseguro, como até o affianço na escriptura de venda.

THEODORO.

E decididamente não o dá por menos ?

SALGADO.

E' impossivel. Em vista do preço por que estão hoje os escravos, este póde se dizer que é de graça.

THEODORO.

Chama de graça 1:400\$000 ?

SALGADO.

De certo, um preto ainda moço, robusto, intelligente, bom official de alfaiate, magnifico cepeiro, por este preço hoje em dia é muito barato.

THEODORO (*levantando-se*).

Pois eu não dou por elle mais de 1:200\$000.

SALGADO.

O que se segue é, que não o comprará.

THEODORO.

Neste caso vou-me embora, e queira V. S. desculpar-me por tê-lo incommodado.

SALGADO.

Essa é boa ! não ha de que.

FIRMINO.

Meu pai, pela differença de 200\$000 não deixe de fazer a venda. O Sr. Theodoro faz gosto no escravo, e então o melhor é fechar o negocio.

SALGADO.

Logo vi, que te havias de intrometier ! Este meu filho

não nasceu para negociante. Enfim, como elle se empe-  
nha, é seu por 1:300\$000.

THEODORO.

Poderei vê-lo ?

SALGADO.

Porque não ? (*A Firmino*) Chama-o cá fóra. (*Firmino retira-se pelo fundo*). Está entendido que a siza é paga pelo comprador.

THEODORO.

Sim, senhor, sobre esse ponto não teremos duvida ; o que desejo é que elle tenha boa saude, e que não soffra algum achaque occulto.

SALGADO.

Já lhe disse, que não ; goza de saude perfeita, e se assim não fór, a venda está desfeita.

FIRMINO (*entrando*).

Não está em casa ; alguem o mandou fóra ?

SALGADO.

Não sei. (*A' mulhor e filha*) As senhoras mandarião Lourenço a alguma parte ?

THERESA.

Eu não.

JULIA.

Nem eu.

SALGADO.

Então onde iria este maldito ? (*Sente-se bater muito fortemente na escada*).

SALGADO.

Quem diabo bate com tanta força ?

UMA VOZ (na escada).

E' aqui, que mora o Sr. Roberto Moniz Salgado?

FIRMINO (indo ver).

E' aqui mesmo : podem subir (entrão dous pedestres segurando Lourenço, que vem todo sujo de lama).

JULIA (avançando).

Que é isto, está bebado?

UM PEDESTRE.

Não, minha senhora, foi um ataque de gotta coral, que lhe deu na rua.

SALGADO.

Um ataque de gotta ! nunca me constou, que elle soffesse semelhante mal.

EULALIA (que tem apparecido ao chegar dos pedestres, avançando).

Pobre Lourenço ! que desgraça !

JULIA.

Quem a chamou cá, Sra. Lambareira ? puxe. (Eulalia encorronhada retira-se para o fundo.)

THEODORO.

Felizmente teve o ataque em muito boa occasião. A' vista disto, já vê que está desfeito o negocio, porque o preto não me serve.

SALGADO.

Nunca soube, que tivesse elle tal molestia.

FIRMINO (ao pai.)

Não será isto fingimento ? Elle é tão ardiloso !

SALGADO.

Póde ser. Bem, Sr. Theodoro, não temos nada feito. O que sinto é ter-lhe dado o incommodo de vir à nossa casa.

THEODORO.

Isso não vale nada. Estimarei que o preto se restabeleça : com licença. Passem muito bem. (A' parte) Salvei-me de boas !

SALGADO.

As suas ordens. (Aos pedestres.) Fico-lhes muito obrigado. (Dá-lhes o dinheiro.) Aqui têm pelo seu incommodo. Agora podem retirar-se. (Os pedestres vão-se.)

SALGADO (a Lourenço).

Vai lá para dentro, que eu hei de saber, que gotta é esta.

LOURENÇO (retirando-se a Eulalia, que está afflicta.)

Não se assuste : ganhei tempo, e foi tudo quanto quiz.

EULALIA.

Deos te proteja !

JULIA.

Minha filha, voltemos para o piano, que este incidente não deve perturbar-nos.

DIOGO.

Sim, minha senhora, vamos para o piano.

FIRMINO (a parte).

E eu vou desenganar-me, se foi manha, ou realidade.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

## ACTO QUARTO

### UM FORRO DA CASA.

Uma marquesa sem cortinado, do lado direito uma mesa usada, com uma cadeira ordinaria. A esquerda, porta da entrada; no fundo, uma janella, que se figura deitar para uma arca. E' noite e sobre a mesa está uma lamparina.

#### SCENA I.

EULALIA (*só, assentada junto d' mesa, com o rosto encostado na mão e chorando*).

Ha tres dias e tres noites, que aqui me acho encerrada entre estas quatro paredes, tendo por todo o sustento pão e agua !... Ha tres dias e tres noites, que esta gente, exercendo commigo o mais inaudito despolismo, quer pela fome obrigar-me a aceitar por marido a esse desprezível feitor, que tanto detesto !... Depois de haverem empregado todos os meios de persuasão sem lograr seus intentos, recorrêrão afinal a esta violencia, pensando triumphar da alma com o alquebramento do corpo; mas não o conseguirão, que Deos me dará forças bastantes para ainda resistir a esta nova prova. (*Levanta-se e cam para a scena.*) E será isto permittido pelas leis do paiz? deverão em tal consentir as autoridades? Bem certo que não. Se eu lhes pudesse dar aviso, virião promptas em meu socorro; mas como fazê-lo?... o Sr. Salgado, a pretexto de sua familia necessitar de mudança d'ares, trouxe-me para esta chacara, isolada, onde, quando eu mesmo gritasse, não seria ouvida, especialmente sendo este quarto no forro.

Não tenho portanto nenhum recurso. (*Medita.*) Se ao menos Lourenço soubesse da minha prisão, bom segura estou de que empregaria todos os esforços para livrar-me della; mas evidentemente a ignora. O meu verdugo teve a cautela de o deixar na cidade, e ainda assim procedeu com tanto segredo, que a maior parte de sua propria familia ignora o meu destino.... Se eu pudesse fugir?... mas por onde?... a unica porta está bem fechada, e aquella janella dá para uma área de lagado, onde me faria em pedaços, se pretendesse saltar. Vejo-me na posição a mais cruel do

mundo, e só por um milagre poderei della tirar-me ! Paciencia, e coragem ! Deos fará o que for de sua vontade. (*Vai assentar-se e cobre o rosto com as mãos.*)

#### SCENA II.

A mesma, Julia e Salgado.

(*Salgado traz um castiçal com vela e apenas entra fecha a porta.*)

SALGADO (*baixo a Julia*).

Talvez já esteja dormindo.

JULIA (*baixo*).

Não...alli está ella assontada... (*Chamando.*) Eulalia !...

EULALIA (*levantando-se sobresaltada*).

Quem está ahí ?

SALGADO.

Não te assustes.... somos nós....

JULIA.

Que ainda uma voz queremos mostrar-nos compassivos para contigo.

EULALIA (*com ironia*).

Obrigado, senhora : sei quanta compaixão lhe mereço.

JULIA.

Se havemos empregado contigo algum rigor, a culpa e toda tua.... queixa-te de tous caprichos.

EULALIA.

Meus caprichos !... e quaes sao elles ?



SALGADO.

Ainda o perguntas?... porque não aceitas o casamento, que te proponho?

EULALIA.

Porque antes preferiria morrer.

JULIA.

Eis-a-hi está.... és orgulhosa e soberba, e queres que contigo sejamos complacentes?

EULALIA.

E, quando assim seja, isto que lhes importa?

JULIA.

Que modo de fallar é este? (*A Salgado*) Já vio como está arrogante?

EULALIA.

Este modo de fallar é o da victima, que se revolta contra uma perseguição injusta.... é o de uma innocente creatura, que, não estando mais disposta a soffrer, quer de uma vez quebrar o jugo, que lhe pesa.

JULIA.

Veção em que se tornou esta sonsinha!

EULALIA.

Que interessa aos senhores, que eu case ou deixe de casar com esse abjecto feitor? Que direitos têm os senhores sobre a minha pessoa? Desde a morte de meu pai, para poderem apossar-se de seus bens, não me renegirão a condição de parentes? Por muitas vezes não me têm asseverado, que nenhum laço existe entre nossa familia? Se isto é assim, porque não são consequentes? Não me querem mais ter em sua casa, ou antes neste inferno.... deixem-me partir.... abram-me as portas, e Deus não me ha de desam-

parar: em qualquer parte, onde o destino ao gulo, hei de ser mais feliz.

JULIA (*a Salgado*).

Então quel-o mais claro?... está agora convencido?... Eu não lhe disse sempre, que as tendencias desta desgraçada erão para a perdição?... o que deseja, é vêr-se solta.

EULALIA.

Não me calunnie, senhora, e lembre-se de que tem uma filha. Meu honrado pai soube plantar a virtude em meu coração, soube inspirar-me o horror ao vicio, e tenho fé em que, sejam quaes forem as vicissitudes de minha vida, hei de morrer digna de mim, e de meu pai.

JULIA (*com ironia*).

Forão as cartúbas do Sr. Diogo, que a tornavão tão al-laneira? (*Eulalia abaixa os olhos*.) Pebre te a pensar que um moço rico e de boa familia se abaixaria a ser esposo de uma semelhante creatura. O que elle queria bem sei eu, mas ao menos enquanto eu viver não o ha de lograr.

EULALIA.

Faça tambem mais justiça aos sentimentos desse moço, senhora.

JULIA (*com ironia*).

Sim... sim... mais justiça!... (*Séria*.) Ainda ha pouco perguntaste, que direitos tinhamos para dispor de tua sorte; vou dizer-te.... O mundo, sempre facil en acreditar quanta mentira lhe quizerem embutir, uma vez, que contenha escandalo, acredita, ou finge acreditar, que foste filha de meu irmão, e por isso julga-te nessa parenta.... Ainda que tenhamos convicções em contrario, como despersuadir o mundo? E' força carregar com as consequencias.

SALGADO.

E é por isso, que por todos os meios quereamos impedir a tua perdição. Descugana-te, pois.... daqui não sahirás,

senão casada, e eu estou disposto a não recuar diante de nenhum meio, por mais violento que seja, para obrigar-te a este passo.

EULALIA.

Suas ameaças já não me intimidão!... a desgraça me tem tornado forte, e minha resolução é inabalável.

JULIA (*com sorriso de mofa*).

Veremos quem vence.

EULALIA.

Attentem bem no que digo. Se por nenhum modo puder furtar-me a estas horríveis sevícias, se não achar algum meio para fazê-las chegar ao conhecimento das autoridades, matar-me-hei, e os senhores serão accusados por autores de minha morte.

JULIA (*continuando a mofar*).

Ora, menina, já não temos medo do papão.

EULALIA.

Juro-lhe que o farei.

SALGADO.

Quem o pretende fazer não o diz.

EULALIA.

Depois de o vêr, hão de se desenganar.

SALGADO.

Está bom: basta de discussões, que com ellas nada adiantamos. Ouça-me com toda a attenção.

EULALIA.

Nada mais tenho que ouvir; portanto, peço-lhes que ao menos me deixem tranquilla em minha masmorra.

JULIA.

Não se cance, que lho faremos a vontade.

SALGADO.

Mas ha de primeiro ouvir o que lho vou dizer. O Sr. Diogo frequentava a minha casa, e pretendiamos casá-lo com nossa filha: a senhora com os seus delambimentos voltou-lhe a cabeça, de sorte que em um momento vimos perdido o trabalho de tanto tempo.

EULALIA.

Pois se elle jámais se abaixará a uma creatura tão vil como eu, que recio póde haver?

JULIA.

Que não te quer para esposa, está bem visto; mas...

EULALIA (*interrompendo*).

Não continue, senhora, não continue, que é esse o maior insulto, que me póde dirigir.

SALGADO.

Para que o Sr. Diogo case com Theresa, é indispensavel primeiramente, que tomes um destino. Já vês portanto o grande interesse, que nisso temos. Assim trata de ser prudente, e não nos leves aos ultimos extremos.... Aceita o marido, que te proponho.... ainda te concedo esta noite para reflectires.... depois.... não te queixes.... É o que tinha a dizer-te.... Agora, Julia, deixemo-la, retremo-nos.

JULIA.

Sim.... Vamos. (*Ambos retirão-se e fechão a porta.*)

SCENA III.

EULALIA (*só*).

Eis o unico motivo de sua perseguição!... eis a verdadeira causa de sua tyrannia! elles o declarão; e a sua raiva e despeito os fizerão trahir-se! O Sr. Diogo ama-me, como o declarou em suas cartas, que por elles faço sor-

prendidas: não quer a filha por esposa, e é contra mim, que elles se conspirão. E' meu Deos, na propria occasião em que um moço honrado e honesto pretende a mão da orphã, que esta gente se levanta para collocar-se como uma barreira de ferro entre a orphã e elle, destruindo assim a sua felicidade? é depois que o mais profundo amor se apoderou de minha alma, depois que absolutamente não posso viver sem elle, que me querem constringer a renunciar a sua posse?... E' muito, meu Deos! é muito, e uma fraca mulher não tem forças para resistir a tantos e tão continuados golpes!... A desesperação já começa a introduzir-se em meu espirito!... um montão de pensamentos sinistros nelle se cruza, e a idéa de suicídio me persigue! Afastai-a, Senhor, para longe de mim por vossa infinita misericórdia, livrai-me desse horroroso peccado! A Virgem da Piedade sempre foi a santa de minha devoção, e nunca me abandonou; vou orar, vou supplicar-lhe para que se digno restituir a paz á minha alma, afin de resistir aos males que me cercão. (*Vai para junto da cama, ajoelha. — Silencio, ouvem-se alguns estalos na janella do quarto, como se a quizessem arrombar, e ouve-se ao mesmo tempo o estampido do trovão; e vê-se pelas fendas das portas o clarão do relampago. — Eulalia levanta-se assustada e vem para a scena.*) Parece-me, que ouvi bulha nesta janella! (*aplica o ouvido*) ha de ser o vento, que a noite está horrivel! Que desordem na natureza!... Creio que ella capricha em reproduzir o estado de meu espirito!... Vamos vêr se o somno por alguns instantes me faz esquecer a pavorosa realidade! (*Vai á marquiza, benzo-se e deita-se vestida. O theatro fica em completo silencio por alguns instantes.*)

## SCENA IV.

*Eulalia (deitada) e Lourenço.*

LOURENÇO (*abre devagar a janella, e olha para a scena, e depois de observal-a saltu para dentro com uma cesta no braço. Ahi, muito de manso, vai á cama de Eulalia, contempla-a com tristêza, e depois, largando a cesta sobre a mesa, vem para scena.*)

LOURENÇO.

Foi verdade o que me contárão! não tem duvida nenhu-

ma!... aqui está ella! Com effeito! emquanto não vi com meus proprios olhos, pensava, que era mentira! Coitada! quanto não terá soffrido! presa aqui, morrendo de fome, e tudo só por não querer fazer a vontade a estes judêos! Eu logo vi, que não era para cousa boa, que elles não me deixá-rão vir tambem na occasião, que a trouxerão; meu coração fiel me bateu logo, e uma voz me dizia: — Lourenço, a filha de teu amigo, de teu bemfeitor, está em perigo; Lourenço, abre os olhos. — Sempre com este medo, senbando todas as noites máos sonhos, peguei n'um bocadinho de dinheiro, que tinha ajuntado dos meus serões, e dando-o a um de meus parceiros, que tinha ido daqui, elle me contou então, que minha pobre senhora vivia fechada, comendo só pão secco! Minha vontade foi ir logo correndo contar tudo ao Sr. chefe de policia, para elle vir tira-la daqui; porém, primeiro sem ter uma certeza, era muito perigoso: então, apesar de poder quebrar o pescoço, ou de ser agarrado por ladrão, encostei um calbro áquella janella, e subi. Estou desengañado, e amanhã, se Deos quizer, o Sr. chefe de policia ha de saber tudo. Não é um escravo, que vai dar denuncia de seu senhor, não é um vagabundo, que a troco de dinheiro quer perseguir um innocente; é um pobre negro, que, tendo recebido de seu bemfeitor um deposito sagrado, quer guardal-o tão direito, como quando o recebeu. (*Vai á cesta e tira della pão, assados e doces.*) Estas goludices, que pude arranjar com muita pressa, ella encontrará logo que acordar. Que me importa, que não saiba quem lhe trouxe? minha vontade é que ella coma, e ficarei satisfeito. (*Arranja-as sobre a mesa.*) Bem: agora posso ir-me embora, antes mesmo, que ella acorde; Deos Nosso Senhor permitta, que eu na volta seja tão feliz, como fui na vinda. (*Vai dirigindo-se para a janella e sente bulha na porta, pára.*) Quem será? A porta se abre! Não tenho mais tempo para fugir. Vou esconder-me.... mas onde?... Ah! (*Vai agachar-se por detrás da cubeeira da marquiza.*)

## SCENA V.

*Eulalia (dormindo), Lourenço (escondido) e Firmino.*

FIRMINO (*depois de fechar a porta vai á cama de Eulalia, verifica, que dorme, e volta para a scena.*)

Ah!... dorme? excellentemente!

LOURENÇO (*á parte*).

Este homem aqui?

FIRMINO.

Nem promessas, nem protestos, nada tem podido influir sobre li? orgulhosa mulher! veremos agora quem vence! Estás em meu poder, e ninguem te salvará.

LOURENÇO (*á parte*).

Deos e eu.

FIRMINO.

Apaguemos a luz. (*Dirige-se á lamparina, e a apaga. Lourenço vem collocar-se por diante do marquezia, como amparando com seu corpo o de Eulalia. Firmino vai indo ás opalpadellas até a cama, e ahí encontrando Lourenço, dá um salto para trás e grita.*) Quem está ahí?... quem está ahí?... (*Silencio.*) Não responde? (*Vai dirigindo-se para a porta gritando.*) Tragão luzes! venhão cá acima!

EULALIA (*acordando sobresaltada, fica tremendo assentada na cama.*)

Meu Deos! que vozes serão estas?

LOURENÇO (*avanzando para Firmino.*)

Não grite, Sr. Firmino, não grite, que sou eu, Lourenço.

EULALIA (*admirada.*)

Lourenço?

FIRMINO.

Lourenço! Lourenço aqui?... no quarto de Eulalia! Como te atreveste a vir a este lugar contra as ordens expressas de meu pai?

LOURENÇO.

Vim trazer um bocado de comer a minha senhora, para não morrer á fome.

EULALIA.

Ah!

FIRMINO.

Vai-te já daqui, se queres, que nada diga a meu pai.

EULALIA (*procurando dirigir-se para Lourenço*).

Não, Lourenço, não saias pelo amor de Deos.

LOURENÇO.

Agora, meu senhor, não posso, porque Vm. não veio aqui para cousa boa.

FIRMINO.

Miseravol! e ousas assim fallar, tu, que, apesar de seres um negro....

EULALIA (*horrorisada*).

Oh!... (*cobre o semblante com as mãos*).

LOURENÇO.

Mas as intenções do negro erão brancas.

FIRMINO.

Retira-te, atrevido, e fica certo de que logo, que meu pai saiba, te dará o mais horroroso castigo.

EULALIA (*tremendo*).

Não, não, não me deixes ficar só com elle.

LOURENÇO.

Eu vou me embora, mas ha de ser depois, que Vm. fór.

FIRMINO.

Negro! sabes com quem fallas?

LOURENÇO.

Sei, sim, senhor.

FIRMINO.

Não comprehendes, que posso mandar te castigar até expirares ?

LOURENÇO.

E' meu senhor, póde fazer o que quizer.

FIRMINO.

Obedece-me então, deixa-me só.

LOURENÇO (*resoluto*).

Isso não, senhor. Vm. pretende fazer mal a uma moça, que só tem sua innocencia... esta moça está em casa de meu senhor, elle responde por ella, e eu como bom escravo devo defendê-la.

FIRMINO.

Perverso ! e foi por isso, que furtivamente te introduziste em seu quarto ? foi por isso, que, escalando a janella em alta noite, te encontrei junto á sua cama ?

EULALIA. (*horrorisada*).

Meu Deos !

LOURENÇO (*tremulo disfarçando a raiva*).

Por quem é, não falle assim, Sr. Firmino. Isso é um peccado, que Deos nunca lhe ha de perdoar. Vm. sabe que eu estimo mais a honra de minha senhora, do que minha vida; que seu pai me pediu na hora da morte, que eu olhasse para ella, e portanto eu morreria muitas vezes, se ella precisasse de minha morte.... Não falle assim, que Deos o póde castigar.

FIRMINO.

Primeiro serás tu castigado, hypocrita !

LOURENÇO.

Paciencia... mas, por enquanto, senhor moço, vá-se embora ; por quem Vm. mais estima lhe peço, que deixe esta pobre, ella só têm sua honra ; se Vm. a offender, o que mais lhe restará ! Vá, Sr. Firmino, vá para seu quarto. Deos lhe ha de agradecer esta boa acção. (*Chega a Firmino e brandamente o empurra*).

FIRMINO (*dando-lhe um sóco*).

Atrevido !... tens a confiança de empurrar-me !

LOURENÇO (*reprimindo-se*).

Ah !... não sou mais que um escravo !

FIRMINO.

Sabe já daqui.... deixa-me.... hei de fazer o que quizer. (*Dirige-se para o lado de Eulalia que recua.*)

EULALIA.

Meu Deos ! para onde fugirei ?

LOURENÇO (*pondo-se-lhe por diante*).

Sr. Firmino, me perdõe.... não consinto.

FIRMINO.

Arreda-te, negro ! e obedece.

LOURENÇO (*resoluto*).

Não posso.

FIRMINO (*segurando-o*).

Saberei obrigar-te.

LOURENÇO (*com toda resolução*).

E' de balde, meu senhor ; só depois de minha morte, é que não a defenderei.

FIRMINO.

Resistes, escravo ?

LOURENÇO *(de braços cruzados, mas sempre com o corpo impedindo, que Firmino passe).*

Faço a minha obrigação....o senhor quer commetter uma acção má.... e o escravo não póde consentir.

FIRMINO.

Pois impede-o, se fôres capaz. *(Empurra a Lourenço, e corre para o lado de Eulalia.)*

LOURENÇO *(elevando a voz).*

Não toime, Sr. Firmino, não toime.

EULALIA *(indo para o fundo).*

*(A' parte.)* Quom me valorá ?

FIRMINO *(procurando).*

Para onde iria ella ?

LOURENÇO *(depois de reflectir).*

Ficarei perdido.... mas ao menos salvo-a. *(Corre á porta, abre-a e grita.)* Meu senhor ! acuda !... venha de pressa cá acima !

FIRMINO *(corre a elle e segura-o pelo pescoço).*

Cala-te, maldito ! senão esgano-te....

LOURENÇO *(continuando a gritar).*

Acudão ! acudão !

EULALIA<sup>2</sup> *(avançando).*

Sr. Firmino, pelo amor de Deos não mate o preto.

SCENA VI.

Os mesmos e Salgado *(com uma espada)* Manoel feitor *(com um pço e uma luz), e mais dous trabalhadores.*

SALGADO *(á porta).*

Que é isto ?

FIRMINO *(correndo ao pai).*

E' este negro que quiz assassinar-me !

EULALIA.

Ah !... *(cahe desmaiada).*

LOURENÇO *(avançando).*

Perdõe, meu senhor.... é falso.

SALGADO.

E que vieste fazer aqui, sem minha ordom ?

LOURENÇO.

Eu vim....

SALGADO *(ao feitor e trabalhadores).*

Amarrem-o já.... amarrem-o bem amarrado !

LOURENÇO.

E' uma injustiça !...a ella não me sujeito; antes morrer !... *(corre á janella e salta).*

FIRMINO (*indo á janella*).

Fugio!

SALGADO.

Vão em seu seguimento; e, morto ou vivo, tragão-m'o aqui.  
(*Todos sahem pela porta em confusão*).

FIRMINO (*ao sahir*).

E Eulalia, que está desmaiada?

SALGADO (*retirando-se*).

Que me importa!... quando quizer que volte a si (*Vão-se todos*).

FIM DO QUARTO ACTO.

## ACTO QUINTO

A mesma sala do primeiro acto com oratorio.

### SCENA I.

*Salgado e Padre Pedro.*

SALGADO.

Insisti, em que fosse o senhor mesmo, que os casasse; porque, ainda que ouça ou veja alguma cousa, como interessado, guardará segredo.

PADRE PEDRO.

Então o commendador Ferreira continúa?

SALGADO.

Tem feito cousas inauditas. Depois de ter asseverado por toda a parte que seu irmão morrêra com testamento, ultimamente quiz por força tirar Eulalia de minha casa, e para impedil-o custou-me os olhos da cara. Felizmente, que Eulalia afinal sempre consentio em casar-se com o Manoel. Agora poderei estar mais tranquillo.

PADRE PEDRO.

Mas porque? em que esse casamento lhe aproveitará?

SALGADO.

Ninguém sabe o que está para acontecer. Quem nos diz a nós, que o testamento existe em qualquer parte, e que apparece de um dia para outro? Se Eulalia casasse com algum homem esperto, certamente dar-nos-hia muito que fazer, ao passo que, casando-se com o estúpido Manoel, elle fará inteiramente tudo quanto eu lhe mandar, e assim com elle estou bem.

PADRE PEDRO.

Mas como pôde o senhor conseguir de Eulalia o casar-se com o feitor?

SALGADO.

Isto é segredo, cujo conhecimento nada importa para o caso. O que quero é vê-la casada. Portanto, o senhor vá os casando, seja como fôr. Nada de mover-se por lágrimas e suspiros. É rara a moça, que não chora quando casa.

PADRE PEDRO.

Sim, lá pelo choro não será a duvida ; mas quem são as testemunhas ?

SALGADO.

Eu, minha mulher, meu filho e minha filha.

PADRE PEDRO.

Todos da familia !

SALGADO.

Que duvida ? Todos interessados em guardar segredo.

PADRE PEDRO.

E já tem a provisão ?

SALGADO (*mostrando um papel*).

Eil-a.

PADRE PEDRO.

Mas é preciso licença especial do parochio da freguezia para eu poder recebê-los em oratorio particular.

SALGADO.

Está tudo prompto. Não poupei nem dinheiro, nem passadas.

PADRE PEDRO.

Muito bem. A que horas quer, que seja o casamento ?

SALGADO.

Logo, que chegar o noi vo, porque Eulalia já está prompta

Para ver se a lisonjeava, dei-lhe um lindo vestuario de noiva, que aceitou-o com profunda indifferença : creio mesmo, que até nem olhou para elle.

PADRE PEDRO.

Está me parecendo, que o tal Manoel não ha de ser muito feliz com esta rapariga.

SALGADO.

Isso é cousa, que não me dá abalo. O que quero é ver-me seguro.

PADRE PEDRO.

Bem, então vou mandar ver os paramentos e d'aqui a pouco voltarei.

SALGADO.

Veja lá, não se demore.

PADRE PEDRO.

Não tenha receio. (*Vai-se pela esquerda.*)

SALGADO (*só*).

Se vejo este casamento concluido.... metto certamente uma lança em Africa. Vou saber se as senhoras já estão promptas. (*Retira-se pela esquerda.*)

## SCENA II.

EULALIA (*vestida de noiva, triste, e com passo vagaroso vindo do fundo*).

Vai-se emfim consummar o horrivel sacrificio, e eis a victima marchando para a fogueira ! (*Assenta-se*). Por muito tempo luctei. Nem promessas, nem privações, nem torturas, puderão triumphar de meu animo; mas a tremenda ameaça de interpretarem em meu desabono a ida de Lourenço a meu quarto me subjugou por tal modo, que mais não tive força para resistir. (*Levanta-se.*) Que infames ! como sabem tirar partido de um acto de dedicação ? Ao menos



se esse pobre amigo estivesse presente, talvez me soubesse infundir mais coragem ! Desde essa fatal noite, nunca mais houve noticias dello. Talvez tenha morrido e a esta hora descausando seja mais feliz, do que eu. Que medonha sorte a minha ! Ter de ligar-me a um homem asqueroso e vil sem o menor vislumbre de educação ? Ter de soffrê-lo dia e noite, o quando, meu Deos, quando um moço polido e cultivado parecia aspirar a minha mão ! Oh ! eu estalo de dôr, e a idéa de que o Sr. Diogo acreditará sem duvida na minha deshonra, é o que, mais me dilacera a alma ? Para justificar-me em seu espirito não exitaria dar todo o meu sangue ; mas foi-me impossivel, meus verdugos tolhêrão-me todos os meios. Oh ! Deos que tudo vê, Deos que é summamente justo, não deixará de punir tanta maldade, fazendo com que a verdade seja sabida. *(Vai assentar-se, e encostando-se na mesa cobre o rosto com as mãos e fica ab-sortu.)*

SCENA III.

*Eulalia, Julia, Theresa e Salgado.*

SALGADO.

Bom, a noiva já aqui está : agora falta o noivo.

EULALIA *(levantando-se com os olhos cheios de lagrimas.)*

Sim, senhor, a victima já está prompta, pôde começar-se o sacrificio.

SALGADO.

Qual sacrificio ! deixa-te da asneiras ! tomárão muitas em idénticas circumstancias encontrar igual felicidade.

EULALIA.

Felicidade ?

SALGADO.

Sim, que duvida ?... depois daquelle grande escandalo passado em teu quarto, só o bom do Manoel te quereria por mulher.

EULALIA.

E porventura o senhor mesmo não está convencido de minha innocencia ? não sabe que, se esse preto fiel ahí se dirigió, foi sómente guiado pela dedicacão e amizade, que me consagrava ?

JULIA.

Menina, hoje em dia já não ha quem coma môcas : vá agarrando o feitor, e diga, que eu lhe engano. Dê parabens á sua fortuna por ainda achar tolos, como nós, que tomamos interesse pela sua sorte, do contrario sabe Deos qual seria seu fim.

EULALIA.

Bem, senhora, convem-lhe suppôr-me criminosa, não perderei mais tempo em justificar-me; cumpra a sua vontade, exerça a sua tyrannia, estou prompta. Não estou com o vôo de virgem ? não tenho a grinalda branca, symbolo da innocencia ? o altar não está levantado ? O que mais falta para completar-se a sua obra de iniquidade ? Nada ; mas lembre-se, de que encarrego ao céu de vingar-me, e elle me vingará.

THERESA *(baixo a Julia).*

Oh ! mamã ! não a acha tão bonita vestida de noiva ?

JULIA *(baixo).*

Qual ! é uma grosseirona, feições muito communs e sem nenhuma distincção.

THERESA *(ú parte).*

Se o Sr. Diogo a visso agora, eu de certo podia perder as esperanças de casar-me com elle.

SCENA IV.

*Os mesmos e Manoel feitor.*

MANOEL FEITOR *(de casaca, mas ridiculamente vestido).*  
Dá licença, patrão !

SALGADO E JULIA.

Oh ! chega o noivo !

SALGADO.

Entre, Sr. Manoel, que já o esperavamos.

MANOEL.

Ora muito bons dias, patrão, muito, bons dias, patroa, e tambem bons dias para a patroazinha ; por cá parece que ha saude, Deos louvado ; pois eu não vim mais cedo, porque a modo, que estas botas, não me deixavão andar ! Irra ! parecia-me, que tinha os pés atados. A gente de tamaacos anda mais a gosto e traz os pezes mais folgados.

EULALIA (*a' parte chorando muito*).

Oh ! meu Deos !

SALGADO (*baixo*).

Cala-te, estúpido !

MANOEL.

Já estou calado, sim senhor ; mas a gente lá na terra para o casorio não precisa metter os pés nestas moendas : compra uns socos novos e está armado para a festança.

JULIA (*a Salgado*).

Que bruto !

SALGADO (*a Julia*).

Se não se cala, é capaz de deitar tudo a perder. (*Alto*) Manoel, allí está a tua noiva, ainda não a comprimentaste.

MANOEL.

Ah ! é verdade ! e como está luzidia ! lá na terra se a vissem, dirião que era mesmo uma cachopa de patente ! Ora Deos a guarde, futura, e já que vai ser a companheira cá do rapaz, permita elle, que a senhora me dê uma récuca de rapazotes bem gordinhos ; (*a Salgado*) mas que diabo tem ella, que está chorando, patrão ?

SALGADO.

Não faças caso, que é de prazer.

MANOEL.

Ah ! sim é de prazer, isso logo eu vi.

THERESA (*a Julia*).

Mamã assim mesmo estou com pena de Eulália ! o Manoel é tão bruto !

JULIA.

Cala-te, tola, que não sabes o mal que ella te tem feito.

MANOEL.

Então, patrão, vamos a isso ! Já não posso esperar ; do contrario tiro o diabo das botas, que me estão dando ferroadas, como se tivessem pregos.

SALGADO.

Um instante ; o padre não tarda.

JULIA.

Elle que chega.

THERESA.

E tambem Firmino. Nada mais falta.

SCENA V.

*Os mesmos, o Padre Pedro e Firmino.*

PADRE PEDRO.

Demorei-me muito ?

JULIA.

Alguma cousa.

PADRE PEDRO.

Está tudo prompto ?

SALGADO.

Tudo.

PADRE PEDRO.

Então comecemos. (*Vai para o oratorio e põe uma estola.*)

FIRMINO (*a parte, olhando para Eulalia*).

Como está linda ! como está divina ! o dizer-se que este  
lapuz.... este animal.... oh ! Eulalia, nem sempre sofrerás  
os teus rigores !

THERESA (*a Firmino*).

Aposto que estás com inveja ?

FIRMINO.

Inveja ? de quem ?

THERESA.

Do besuntão do Manoel, que leva uma moça de truz.

FIRMINO.

Isto depende de gostos, minha irmã, e eu não sou apai-  
xonado deste genero.

THERESA.

Sim, estão verdes, bem te entendo.

PADRE PEDRO (*revestido*).

Approximem-se os contrahentes.

SALGADO (*a Manoel*).

Vamos.

JULIA (*a Eulalia*).

Levanta-te.

EULALIA (*levanta-se e cahe*)

Ah ! não posso ! falta-me o animo.

JULIA.

Ora vamos.... deixa-te de momos.

EULALIA (*faz um esforço olha para o céu e diz*).

Meu Deus, eu vos offerece este espantoso sacrificio. (*En-  
caminhão-se todos para o altar. Quando vão pelo meio da  
scena entra Lourenço muito bem vestido, todo de preto*).

LOURENÇO (*gritando da porta do fundo*).

Suspendão ! suspendão ! (*Todos recuão*).

Louren

Este fu  
lamento.

Para t  
meu cor

Escre

Aqui  
pelas le

Emb  
o fiz, c

Sr.  
pirar  
sou, I

Ist  
verso

Sr  
não  
pape  
gist  
carl

O  
acto

Lourenço ! (corre para elle) Ah ! salva-me !

SALGADO (gritando).

Este fujão aqui ?... Amarrem-o, segurem-o immediatamente. (Firmino e Manoel avançam.)

LOURENÇO (cobrindo com o corpo a Eulalia).

Para trás, para trás, e ninguém se atreva a por a mão em meu corpo.

SALGADO.

Escravo ! com quem fallas ? desconheces quem sou ?

LOURENÇO.

Aqui não ha mais escravo ; ha um homem livre, protegido pelas leis de seu paiz.

SALGADO.

Embusteiro ; e quem te podia dar a liberdade, se eu não o fiz, que sou teu senhor ?

LOURENÇO.

Sr. Salgado, o meu unico senhor morreu ; e antes de expirar por sua propria mão passou-me carta de liberdade ; sou, pois, tão livre como se de ventre livre nascesse.

FIRMINO.

Isto é mentira, meu pai, ha de ser algum ardil deste perverso.

LOURENÇO.

Sr. Firmino, as leis do meu paiz punem as injurias, e eu não estou disposto a ouvir-as impunemente. (Tirando um papel.) Aqui está a minha carta de liberdade, e já a registrei por cautela em duas tabelhas. (Salgado toma a carta e examina entre si elle, a mulher e os dois filhos.)

EULALIA (admirada).

Oh ! abandonado seja meu pai, que ao menos praticou este acto de justiça.

SALGADO.

Não ha duvida ! estás ferro.

PADRE PEDRO.

Mas onde estava esta carta, que só agora appareceu ?

LOURENÇO (*rindo-se*).

Junta ao testamento de seu irmão.

TODOS.

Do testamento !

LOURENÇO (*a Eulalia*).

Sim, minha senhora, do testamento, onde a senhora é reconhecida por sua filha e instituida herdeira universal de todos os seus bens.

SALGADO E PADRE PEDRO.

Estamos perdidos ?

JULIA.

E onde pára esse testamento.

LOURENÇO.

Já está em poder do Sr. juiz dos orphãos.

FIRMINO.

Quem o levou ?

LOURENÇO.

Eu proprio, e por ordem de Sua Magestade o Imperador.

TODOS.

Como assim ?

LOURENÇO.

Eu lhes digo. Meu pobre senhor, já nas ancias da morte, deu-me a entender que n'uma lata escondida no seu oratorio havia um grande segredo, e que corria grande perigo se cahisse em mãos de pessoas que não fossem honradas.

PADRE PEDRO (*baixo a Salgado*).

Nunca me passou pelo sentido procurar no oratorio.

SALGADO.

Nem a mim.

LOURENÇO.

Apenas elle expirou, foi um momento emquanto apoderei-me da lata e do segredo, e, como não queria mostral-o a pessoa alguma, e antes sabêl-o por mim mesmo, fiz todos os esforços para aprender a ler, pois que até ahí não sabia.

THERESA.

Por isso é que se sumião os jornaes e eu não lia os folhetins ; agora descubro a razão.

LOURENÇO.

A cousa era difficil, que não tinha mestre, mas nem por isso desanimava. De quanto soffri todo o tempo, que me foi necessario para conseguil-o cada um póde fazer idéa. Depois dessa noite, minha senhora, em que arrisquei a minha vida por estimal-a, em que julgando-me perdido esperava escapar fugindo ; como fiquei escondido e sem ter que fazer, estudei muito, e pude enfim ler o que a lata encerrava. Apenas descobri, que era a minha carta de liberdade e o testamento de meu senhor, como por sóra estava escripto, não me demorei mais, tratei logo de procurar a fonte limpa.

EULALIA.

Que fizeste então ?

LOURENÇO.

Sabendo que Sua Magestade o Imperador ouvia igualmente o grande e o pequeno, o rico e o pobre, corro a S. Christovão, lanço-me a seus pés, conto-lhe tudo, mostro-lhe os papeis, e elle, já commovido pelas minhas lagrimas, já convencido pelos documentos que lhe mostrara, depois de louvar a mim, a um pobre preto, quanto fizera, levou a sua extraordinaria bondade ao ponto de mandar-me com um seu criado á casa do Sr. Dr. juiz dos orphãos, para que examinasse os meus papeis e desse as dividas providencias. O Sr. Dr. juiz de orphãos não levou muito tempo em examinal-os e me prometeu vir aqui sem demora. Oh ! louvado seja Deos, ahí choga elle.

SCENA VI.

*Os mesmos, juiz de orphãos, escrivão, dous meirinhos, e depois Diogo.*

JUIZ.

O Sr. Roberto Moniz Salgado.

SALGADO.

Criado de V. S.

JUIZ.

Venho proceder ao deposito de uma orphã, que se acha nesta casa, por nome Eulalia, e ao mesmo tempo arrecadar os bens, que por seu pai lhe forão deixados.

SALGADO (*á parte*).

Estou perdido !

PADRE PEDRO (*á parte*).

Estou arruinado !

JULIA (*avanzando*).

V. S. me perdoará ; mas não sei para que seja necessario o deposito dessa menina ? ella é minha sobrinha, e nós a estimamos tanto !

THERESA.

E' facto, Sr. juiz, todos gostão muito della.

FIRMINO (*á parte*).

Se eu o dissesse, tinha razão.

LOURENÇO (*á parte*).

Vejão como estão mentindo ! Agora que ella é rica, já o negocio é outro ! Estes brancos têm cousas ?

JUIZ.

Sinto contrariar-as, minhas senhoras, mas é indispensavel, que seja depositada em outra parte, que não aqui, em consequencia de deuaacias, que recebi. Vou já dar as necessarias ordens, atum de que vá para a casa de alguma familia capaz e honesta.

SCENA VII.

*Os mesmos e Diogo (entrando).*

DIOGO.

So a minha casa pôde servir, está muito ás ordens de  
V. S.

THERESA E EULALIA *(a parte)*.

O Sr. Diogo !

JUIZ.

Mas eu não tenho a honra de conhecer o senhor.

LOURENÇO.

E' um moço muito bom, por elle fico eu : sua familia é  
toda de gente muito honrada.

DIOGO.

E demais aspiro a mão da Sra. D. Eulalia.

JULIA, THERESA E EULALIA.

*(As duas sorpresas e Eulalia alegre.)* Ah !

LOURENÇO *(a Eulalia)*.

Aqui está a historia da gata borralheira.

MANOEL.

E eu então que figura faço aqui ?

FIRMINO.

A de um estúpido, como sempre foste.

MANOEL.

Nesse caso vou-me embora, e ao mesmo tempo tirar es-  
tas malditas botas, que já não as posso mais soffrer. Fiquem-  
se os senhores com Deos.

JUIZ *(a Diogo, depois de reflectir)*.

Julgo que devo tomar em consideração a sua proposta,  
e visto querer por esposa a orphã, a casa de sua illustre fa-  
milia ha de ser a preferida.

**EULALIA (pondo as mãos).**

Oh! meu Deus, nada mais me falta para ser completa a minha ventura! (voltando-se para Lourenço com alegria e explosão) e é a ti..... a este negro, a quem tudo devo! (abraçando-o com explosão). Meu bom Lourenço, como jamais te hei de agradecer?

**LOURENÇO.**

Nada tem que me agradecer, minha senhora: seu bom pai, que neste momento do céu nos abençoa, dignou-se confiar sua inocente filha a seu escravo, e este escravo para com quem fôra elle sempre tão bom e generoso, seria um ingrato, um malvado, se não procurasse em tudo fazer-lhe a sua vontade. Hoje, que Vm. está reconhecida por filha, herdeira de meu senhor, e noiva do Sr. Diogo, posso morrer contente, e quando apparecer em presença de Deus estou, que elle me perdoará os meus pecados, attendendo (ajoelha-se aos pés de Eulalia) a que fui e hei de sempre ser seu escravo fiel.

(Eulalia e Diogo abração Lourenço que fica no meio dos dois).

**EULALIA**

Escravo, não, e sim um amigo dedicado!

(O juiz vai assentar-se á mesa, onde já está o escrevão e faz signal aos merinhos para que se cheguem. Salgado, padre Pedro, Julia, Theresa e Firmino fazem um grupo ao canto da scena, mostrando-se tristes e desanimados.)